

# MULHERIO

Ano III, nº 11

JANEIRO/FEVEREIRO 1983

Cr\$ 150,00



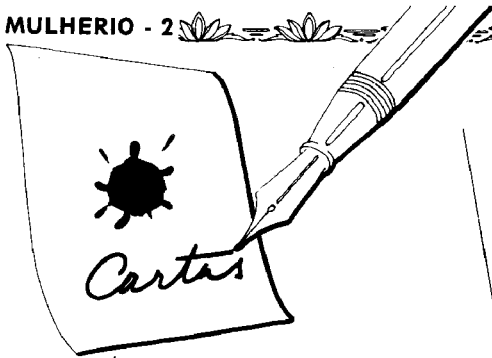
# MORAL

e costumes

**E mais:**

o que ganhamos nas eleições, o que fazer nos governos de oposição, homens que dão aulas em pré-escola, toda a verdade sobre a mãe-crecheira.

Ilustração: Lilith Figueiredo



Alô, alô

Sou leitora empolgada do Mulherio e participo do grupo Brasil Mulher aqui em Salvador. Gostaria de uma colaboração de vocês no seguinte sentido: faço o mestrado em Ciências Sociais com projeto de tese centrado na mulher e estou necessitando de um maior referencial bibliográfico acerca da temática escolhida. Daí pensei na possibilidade de vocês poderem me enviar algumas dicas. A nível geral a pesquisa visa ao estudo das organizações de mulheres na periferia da cidade — suas motivações, formas de participação, etc. — procurando, num segundo momento, identificar em que medida as principais questões colocadas hoje pelo movimento feminista perpassam esses grupos.

Maria Amélia Almeida Gonçalves, Lot. Jardim Brasília, L. 10 Q9, Pernambuco, 40.000, Salvador, BA.

Maria Amélia: Te mandaremos logo uma lista de livros que conhecemos sobre o assunto, e publicamos sua carta para que outras pessoas possam fazer o mesmo.

### Mulherio abala estruturas editoriais paulistas

Prezada Marlene Bilenky Sua matéria para o Mulherio bateu fundo... O pior de tudo, e que você não mencionou, é que a falha da falta da poesia feminina passou por mim, pelo (o) revisor e finalmente por todos nós machistas inconscientes aqui da Brasiliense. A ideia de um outro livro me seduziu, aliás está previsto, nessa coleção, mais de um livro com o mesmo título "segunda visão". Não concordaria, porque seria errar ao contrário, com "O que é Poesia Feminina" mas um que englobasse tudo seria muito bem recebido. Fico na escuta, espero que você tope. Caio Graco Prado, Editora Brasiliense, São Paulo.

Henzo!



mulher. "Na língua portuguesa não há equivalentes masculinos para palavras ou expressões que me chamam a atenção".



O que é poesia, de Fernando Paizão Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense. 104 páginas

É gostoso ler esse livro, mas não deixa de ser revoltante: a mulher escritora e poeta foi simplesmente esquecida. Garanto que foi sem querer, o que é pior ainda, pois o mecanismo do inconsciente é bem conservador. O poeta e ensaísta Fernando Paizão faz toda uma reflexão histórica a respeito da poesia, desde os tempos mais remotos até os atuais, exemplificando suas reflexões com o discurso de vários poetas, fazendo um percurso geográfico que vai do Oriente ao Ocidente e, obviamente, chega ao Brasil. Cita desde os poetas mais famosos até os esquecidos, como o poeta José de Siqueira, com a seguinte frase: "Somos todos iguais". "Eu sou branco e que diferença faz o homem da cor preta? Todos nós temos amor, todos nós chupamos chupeta". Tudo se sentiu...

### MULHERIO

Mulher faz um festival de artes (p. 10), política (uma rigorosa entrevista de Dominda Hungara, p. 12), literatura (a vida de Chico Espinosa, p. 14), cinema (p. 64). Mulher inaugura maio. E também já discute o que fazer nos governos estaduais de oposição (p. 8).



Se você é assinante mas não recebe Mulherio regularmente, por favor escreva com urgência à redação (av. Prof. Francisco Morato, 1565, CEP 05513, São Paulo), dando seu nome, endereço completo e data em que a assinatura foi feita. Pode ser um registro errado do endereço, problemas com o correio, etc., e nós checaremos caso por caso. Verifique se você recebeu o número passado, que tem esta capa:

## Una cartita de campesina

Para las mujeres del Brasil les envío una umilde pero cariñosa cartita. Yo soy una campesina salvadoreña. Mi nombre es Dolores Anton ia Alfaro. Tengo 35 años. Mi padre es Antonio Alfaro. Mi madre ya es difunta e se llamaba Dolores Garcia, los dos de nacionalidad salvadoreños. Yo me encuentro en Nicaragua, por que em mi pais no pude viver, por la repreción y genocidio que tiene mi pais de parte del gobierno de El Salvador y Honduras y en especial el gobierno de los E.E.U.U. que a mandado asesores norteamericanos para que el Ejersito termine com los campesinos.

Yo soy campesina y tengo 2 hijos, un baron y una embra. El baron tiene 14 años, se llama Joemi Alexandre Lazo. Mi ija tien 11 años y desde esa edad el Ejersito los persige para decapitar los. Adelante de sus pádres, yo quei-



ro que ustedes como umanas denuncien la clace de jenosidío que tenemos los salvadoreños, pues nosotros no tenemos libertad ni de aser oracion ni de hoir una misa. Por que la guardia ba a ametrallar a los saserdotes en el altar, como acesararon a nuestro pastor Hoscacar Arnulfo Romero y el padre Alirio Masias. Tres militares besti-

dos de sibi dentran como que ban a misa pero lleban escondida el arma.

Y el delito de nuestros curas es estar a favor de los pobres y por denunciar los crimenes que cometen com los campesinos que quemados en sus casas junto con sus hijos. Y pongan la mano en sus conciencias que triste es la situacion que tenemos, no hay justicia para los pobres.

Compañeras disculpen por la mala letra pero com umildad me dirijo a ustedes a un que no las conosco pero confio en la palabra del compañero Betto. I espero me constesten mi carta a la siguiente direccion de Nicaragua: Del Eden C. 2 1/2 Al sur frente a el hospedaje Aguirre, Chinandega, Nicaragua, C.A. Esta aqui mi relato. Adios hermanas. Gracias.

Dolores Antonia Alfaro

## Expediente

Conselho Editorial — Carmen Baroso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Blav, Fulvia Rosemberg, Heleith Saffioti, Lélia Gonzalez, Maria Carneiro da Cunha, Maria Maita Campos, Maria Moraes, Maria Rita Kehl, Maria Valéria Junho Pena, Marília de Andrade, Mariza Corrêa e Ruth Cardoso.

Equipe — Adélia Borges e Fúlvia Rosemberg (editoras), Marlene Rodrigues (edição de artes), Miriam Tanus (secretária), Roberta Masciarelli (ilustradora) e Linda Melo (administradora).

Assessoria — Florisa Verucci (jurídica) e Fátima Jordão (publicitária). Jornalista Responsável — Adélia Borges, Registro no MTB nº 10.680, SJESP 4549.

Mulherio é uma publicação bimestral. Aceita colaborações. Pede-se permuta com outras publicações do gênero.

Redação: Fundação Carlos Chagas, Av. Prof. Francisco Morato, 1565, CEP 05513, São Paulo, fone 211-4511, ramal 247.

Computação Fotolito e Impressão Tel. 246-7999 E 2466-25-52



## Viver é melhor que sonhar

— *Em termos de absoluta verdade, não posso negligenciar o que me foi rico na vida. Cantar não é trabalho: é devoção, é sacerdócio. E ser artista foi o que me deixou de pé. Foi para isso que eu vim. Filho é tão forte quanto. O resto é resto.*

**A**ssim ela se definiu certa vez, deixando transparecer sua força de mulher e de artista. Elis Regina de Carvalho Costa, 36 anos, 22 de carreira, três filhos, uma voz privilegiada, uma personalidade instigante, muita "garra" e um talento insuperável.

Sua morte, em 19 de janeiro do ano passado, comoveu todo o país: mais que uma cantora, era um pedaço de cada um de nós que se ia. Especialmente para uma geração que a acompanhava desde o início, desde o "Fino da Bossa" no Teatro Paramount, ao lado de nomes como o de Chico, Edu Lobo, Caetano, Gil e Bethânia. É, especialmente a nossa geração, que Elis tão bem representava com sua combatividade, seus sonhos e suas contradições. É, especialmente para nós, que descobrimos que "viver é melhor que sonhar", e nos lançamos nesta louca empreitada, sem saber direito os limites entre a vida e o sonho...

Dona de uma técnica incomum, adquirida através de um severo aprendizado e combinada a uma grande dose de emoção, de uma afinação e de um espectro vocal inigualável, ela sem dúvida merecia o título que alguns dos nossos mais criteriosos críticos lhe conferiram: o de melhor cantora do país.

Por isso, em 19 de janeiro de 1982, o Brasil chorou sua estrela maior.

### Quaquaraquá

Lembrar Elis é deixar vir à tona, imediatamente, aquela sua gargalhada gostosa. Sua presença se marcava, antes de mais nada, com aquele grande sorriso que muitas vezes escapou (ainda bem!) nas suas gravações...

Esse lado lúdico sempre se fez presente em seu repertório: quem não se lembra do "acender as velas já é profissão/ quando não sou eu/ é Nara Leão"? Ou do "mas por quê,



queridinho, como é que você vai", cantando com Jair Rodrigues no "Dois na Bossa"? Ou ainda do "Quaquaraquá" que marcou época? E de todo o humor investido em "Alô, Alô, Marciano"? (Aliás, talvez residisse no humor aquela grande empatia por Rita Lee, uma de suas melhores amigas).

Numa de suas entrevistas, ela disse: "Fui muito tímida. Tive que desenvolver meus mecanismos de defesa para virar cantora. Tem quem roa unha. Tem quem tem diarreia. Eu fiquei safada mesmo. Finjo não levar nada a sério (...) Vamos pelo menos conservar o bom humor. Senão a gente se flagra comprando um 22 e dando um tiro na cabeça..."

### Nossa Pátria-mãe gentil

Como ninguém, Elis soube, em toda sua carreira, "fotografar" o Brasil com sua voz. Essa vocação já despontava no início de sua trajetória artística, com a escolha de músicas como "Menino das Laranjas", "Nêga do Cabelo Duro" ou "Aquarela do Brasil".

Foi ela quem revelou ao Brasil compositores como João Bosco, Aldir Blanc, Renato Teixeira e Belchior. E com eles nos revelou "pedaços" de Brasil desconhecidos ou esquecidos. Como em "Romaria": "Sou caipira, pira, pora, nossa Senhora de Aparecida/me ilumina a mina escura e funda o trem da minha vida". Ou o inesquecível "Rancho da Goiabada", retratando a patética vida dos "bóias-fria": "Amar, o rádio e de pilha, o fogão jacaré, a marmita, o domingo/O bar, onde tantos iguais se reúnem contando mentiras/prá poder suportar..." Ou ainda o hino à anistia, que todo o Brasil cantou com ela em 1979: "Mas eis, que um amor assim punjente

/não há de ser inútilmente/a esperança, dança na corda bamba de sombrinha/em cada passo dessa linha/ pode se machucar/basta a esperança-equilibrista/saber que o show de todo artista/tem que continuar"!

Sua postura crítica em relação à vida não tinha ranço de "militante piegas" ou de "artista engajada", atitudes que muitos cobravam de Elis. Não, ela queria "dizer" o seu país, cantá-lo em tom maior. Como no antológico "Águas de Março", gravado com Jobim: "É pau/é pedra/é o fim do caminho (...) São as águas de março fechando o verão/é o mistério de vida em teu coração". Ou também em "Querelas do Brasil": "O Brasil não merece o Brasil/O Brasil tá matando o Brasil/Gereba, saci, caandra, desmunhas, aririnha, aranha/sertões, guimaraes, bachianas, águas/e marionaima, ariraribóia/na aura das mãos de jobimaçu"...

Esse sentimento de brasilidade que Elis transmitia através de seu repertório a levava às vezes a uma "latinidade" que teve seus momentos mais expressivos em "Gracias a la Vida" e "Hermanos".

### Vivendo e aprendendo a jogar...

Elis parecia estar muito bem no final de sua vida. O "Trem Azul", seu último show, havia sido um sucesso, de bilheteria e de crítica. Amor novo, novos projetos. E ela exibia essa felicidade na contracapa do mesmo disco: "Amo a música. Acredito na melhora do planeta. Confio em que nem tudo está perdido. Creio na bondade do ser humano, e intuo que a loucura é fundamental. Agora só me faltam carneiros e cabras pastando sozinhos no meu jardim; viver é ótimo".

Estava de bem com a vida: reconciliara-a com o sonho. Elis morreu quando iniciava uma nova etapa de sua vida. Grande parte da imprensa, implacável, tentou fazer de sua morte apenas um "affair" de tóxicos.

Mas Elis venceu mais essa parada. Um ano depois seu saldo é mais que positivo: um grupo de fãs e amigos reúne-se para fundar o "Elis em movimento", uma espécie de memória viva da artista. Discos esgotados, reedições, relançamentos. Lembranças. Saudades do Brasil.

(Lembro-me daquelas tardes, no teatro Paramount: ela terminava todo o "Fino da Bossa" cantando: "Canta, que a vida passa, e se ela passa, melhor cantar/É de vocês, o meu cantar, é pra vocês, nosso cantar"...)

Eliane Moraes

## Eleições

# O que ganhamos, o que perdemos



**A** final, as eleições de novembro último significaram um avanço ou um retrocesso para o movimento de mulheres? As mulheres eleitas para o Parlamento representam a consciência de que somente com a participação delas (e de todas) é que se conseguirá transformações na sociedade?

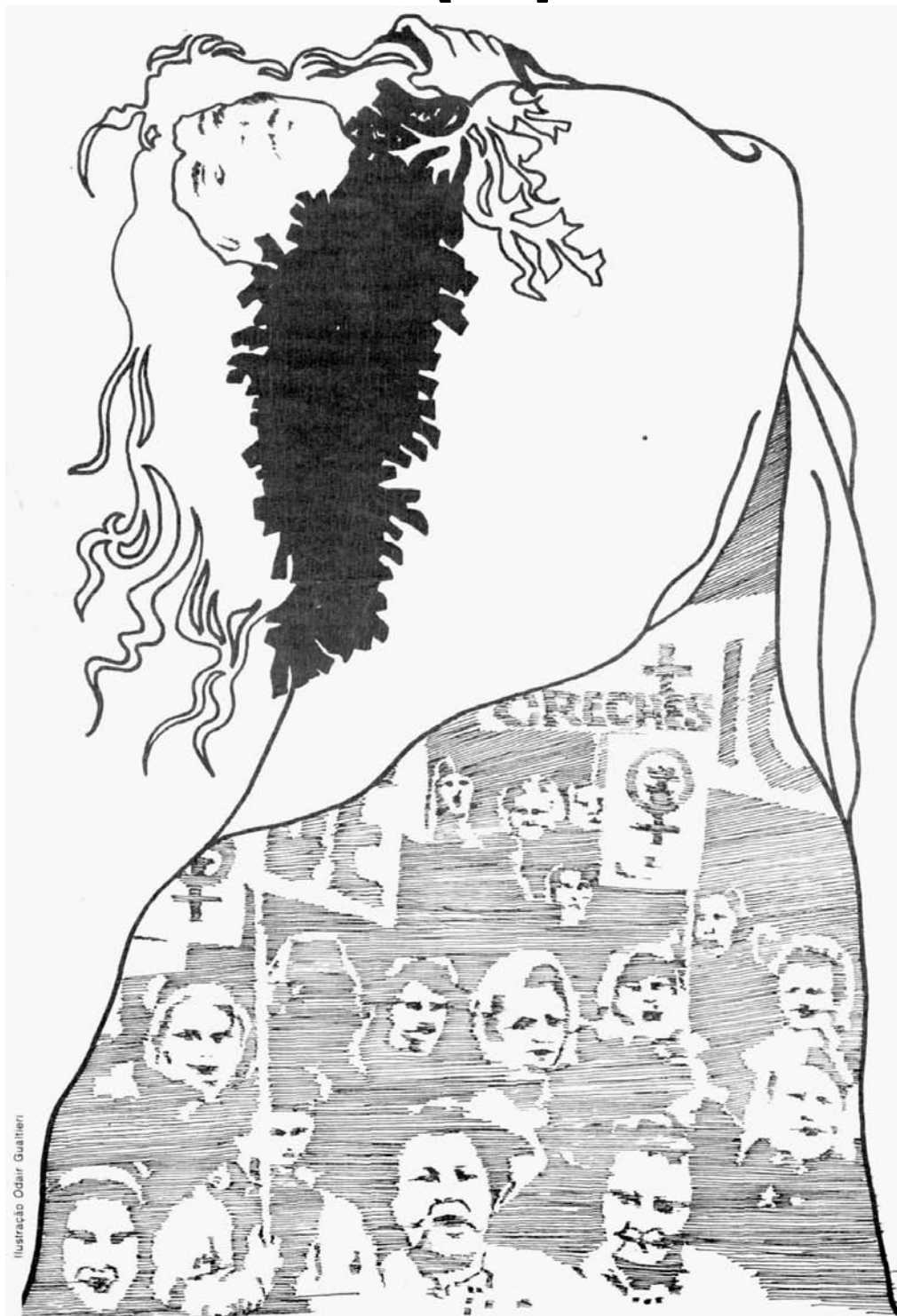
Sem dúvida que as respostas podem variar conforme o lugar e mesmo conforme as mulheres que se elegeram, mas, se considerarmos pelo menos São Paulo, o maior eleitorado do país (6.711.703 homens e 5.574.870 mulheres), podemos chegar à conclusão de que avançamos.

A eleição para a Câmara Municipal foi considerada por toda a imprensa paulista como "a verdadeira puxada de sangue novo". Num casa mais conhecida pelos escândalos e pelo clientelismo do que propriamente por decisões significativas de interesse dos paulistanos, nada menos de 64% dos vereadores recém-escolhidos constituem uma nova safra de legisladores, a maioria oriundos de movimentos sociais que ganharam força recentemente, após a abertura. A presença de três mulheres nessa fase de transformação distingue a importância que essas mesmas mulheres têm nos movimentos em que se encontram envolvidas.

Para Tereza Cristina Lajolo, do PT, a vereadora que conquistou a maior votação (26.076 votos), "a questão da mulher não pode ser dissociada do processo de transformação da sociedade como um todo" e por isso ela acredita que a sua eleição tenha se dado, basicamente, "em função de compromissos assumidos há muitos anos com o movimento popular". Tereza não se assume como feminista, e diz que sempre teve um certo preconceito tanto com a palavra como com algumas das pessoas que têm despontado nas lideranças do movimento:

"Em todas as nossas reuniões sempre foi colocada a importância da transformação da sociedade a partir das nossas casas, sem necessariamente ser uma bandeira feminista, mas reforçado a consciência de que homens e mulheres têm que trabalhar juntos".

Para Tereza, a presença das mulheres na Câmara Municipal, neste momento, reflete muito a proposta do seu partido, "que por ser um partido sem preconceitos deu espaço para as mulheres que





realmente exercem lideranças". Mas quem faz questão de reforçar essa idéia é Luíza Erundina de Souza, a segunda mais votada (26.043 votos), também do PT.

Erundina, como Tereza, sente certa dificuldade em se colocar como feminista. Como assistente social do Estado, tem sido uma figura muito importante no Movimento por Creches, dentro da área do funcionalismo público, e acredita que "o movimento de mulheres avançou, porque se encontra no bojo dos movimentos populares".

"As diversas mulheres que no decorrer da história passaram pela Câmara Municipal na maioria dos casos foram eleitas porque tinham uma herança de família de homens políticos e famosos. As mulheres agora eleitas são representantes de movimentos, lideranças autênticas, indicadas pelo seu trabalho, sem discriminação."

Irede Cardoso, a terceira mais votada (25.258 votos), também do PT, é sem dúvida a vereadora mais identificada com a causa feminista. Membro da Frente de Mulheres Feministas, editora da TV Mulher e autora de uma coluna semanal na Folha de S. Paulo sobre feminismo, toda a sua cam-

panha foi desenvolvida em torno da questão da mulher.

Mas ela não acredita ter sido eleita apenas por seu trabalho com mulheres: "Recebi com muito carinho todos os votos que me foram dados. Sei que muitos homens, como professores e pessoas de outras áreas com as quais já trabalhei votaram em mim, acreditando no meu trabalho, e não somente por ser feminista".

Irede já tem sua primeira proposta para ser levada a plenário na Câmara Municipal; pretende abolir a proibição de uso de calças compridas para as mulheres que lá trabalham. "Pode parecer fútil" — explica — "mas é muito importante que a entrada de mulheres, numa casa que nos últimos anos só teve homens, traga logo de cara algumas atrações. A proibição da calça comprida é norma e não regimento interno, então deve cair."

Se na Câmara Municipal houve um claro avanço — de 33 cadeiras, três serão agora ocupadas por mulheres —, na Assembléia Legislativa houve um retrocesso quantitativo mas um avanço qualitativo. Dos 84 novos deputados estaduais, apenas uma é mulher: Ruth Escobar, do PMDB, da Frente de

Mulheres Feministas e que, como Irede, desenvolveu sua campanha principalmente a partir da questão feminina.

Na legislatura passada, havia três mulheres. Irma Passoni, do PT, elegeu-se em novembro para uma cadeira na Câmara Federal, enquanto Nodeci Nogueira e Theodosina Ribeiro, ambas do PDS, não conseguiram reeleger-se. De fato, nenhuma das duas utilizou seu mandato na Assembléia para apresentar qualquer projeto interessante relacionado à questão da mulher ou aos problemas gerais do Estado. A derrota de Nodeci é mais gritante: em 1978, pertencendo então ao MDB, ela teve a maior votação do Estado (137 mil votos), e era conhecida principalmente por ser casada com o radialista Jorge Paulo. Nas últimas eleições, Nodeci recebeu 18 mil votos, e Theodosina, 6 mil.

Na Câmara dos Deputados, em Brasília, não tínhamos nenhuma representante paulista. Agora, temos três. Irma Passoni e Beth Mendes, do PT, ambas sensíveis à questão da mulher, e Ivete Vargas, do PTB.

Embora o Estado tenha fechado as eleições com três vereadoras, sete prefeitas, uma deputada estadual e três deputadas fede-

rais, o grande passo do movimento de mulheres foi dado muito mais em função do espaço ocupado durante a campanha. Essa afirmação parte basicamente das candidatas derrotadas, que acreditam terem ganho mais respeito e representatividade, inclusive dentro de seu próprios partidos.

Clara Charf, que se candidatou a deputada estadual pelo PT e que milita no movimento de mulheres desde 1945, diz: "Fui convidada a falar em lugares onde nunca tinha estado e onde não conhecia ninguém. Pessoas me procuravam e continuam me procurando com um grande interesse. O avanço das mulheres nessas eleições, pra mim, vem justamente daí, de termos expandido as fronteiras das nossas discussões."

Sílvia Pimentel, candidata pelo PMDB a deputada federal, por sua vez, afirma: "Houve um avanço não só pelo fato de tantas mulheres que levantam a causa feminista terem se candidatado, como também pelo fato de candidatas que não são oriundas do movimento de mulheres terem, nas suas plataformas e palestras, se identificado com as bandeiras feministas".

Hermínia Brandão





Mãe crecheira

## Solução miserável para um país pobre

**C**reche familiar, mãe-crecheira, creche domiciliar, lar substituto são algumas das expressões usadas para dar conta da mesma experiência: uma mulher cuida, em sua própria casa, dos filhos de outras mulheres que saem para trabalhar fora.

Essa forma de cuidar de crianças pequenas não é nova. Faz parte há muitos anos dos usos e costumes espontâneos das moradoras das grandes cidades, especialmente nos bairros pobres da periferia. A novidade é que, agora, várias instituições governamentais, como FEBEMs, LBA, Ministério da Previdência Social e Fundação de Serviço Social de Brasília, estão institucionalizando a experiência.

E mais: alguns técnicos parecem estar vendo esta proposta como o modelo definitivo de creche brasileira. Isto é, uma solução miserável para um país pobre.

Em São Paulo, já existem algumas experiências, como a da favela de Paraisópolis, promovida por padres da Paróquia de São Geraldo, e a de Interlagos, desenvolvida por um grupo do qual faz parte Luci Montoro, mulher do recém-eleito governador de São Paulo. Há um certo receio de que Luci procure generalizar a experiência no Estado.

Por outro lado, o arquiteto Jorge Wilhelm, um dos nomes que vêm sendo apontados insistentemente pela imprensa como provável prefeito de São Paulo na gestão Montoro, também defende o incentivo ao programa de creche familiar. Em seu livro *Um projeto para São Paulo*, lançado há pouco, ele diz que "a construção e operação das 504 creches que se estima deveriam atender à demanda atual (em São Paulo) constituiriam um custo mensal muito elevado, delongando a sua implantação em virtude da concorrência com outras prioridades".

E acrescenta: "Algumas alternativas mais expeditas e complementares poderiam por isso ser acrescentadas", citando em primeiro lugar "o estímulo à criação da função de mãe-crecheira, ao nível da rua domiciliar, mediante uma ajuda de custos, aulas coletivas e periódicas para as mães e supervisões dadas a domicílio por técnicos da Prefeitura, desde que a pessoa seja apresentada por vizinhos interessados na montagem do sistema".

### Barata, sim

O principal argumento utilizado pelos defensores da "creche-lar" é o baixo custo necessário para implantar o programa. Na realidade, não é necessário sequer um investimento em seu funcionamento. Nenhum dos programas existentes hoje no País assalariava a mãe crecheira, evitando estabelecer com ela um vínculo empregatício. A crecheira recebe apenas uma "doação" em dinheiro feita pela mãe de cada criança que ela guarda. Em geral, cada crecheira toma conta de seis crianças, e recebe cerca de um salário mínimo no total.

Normalmente, as instituições apenas fornecem os alimentos das crianças e uma ajuda de custo mínima. Mas nem sempre fornecem tudo o que é necessário. A FEBEM do Rio Grande



*Um documento recente do Ministério da Previdência Social ("Propostas para o atendimento a crianças carentes de 0 a 6 anos de idade", editado no final de 82 em convênio Unicef/MPAS) traz a seguinte avaliação das creches-lar visitadas pelas autoras:*

**Aspectos das crianças** — Na sua maioria as crianças tinham aspecto saudável. Encontramos algumas alegres brincando e outras paradas, tristonhas. As guardadeiras informam que todas estão em dia com vacinação porque as mães levam ao Posto de Saúde. Mas também encontramos situações assim: três irmãos com coqueluche, na mesma cama de casal, junto com outra criança que parecia adia, que pelo menos não tossia. A guardadeira não conseguia que a mãe faltasse ao trabalho para levar as crianças ao médico. No dia seguinte providenciaria. Até lá, naturalmente, o contágio estaria estabelecido.

**Aspecto da família onde está a creche** — Geralmente durante o dia só se encontra as guardadeiras e alguns filhos.

A maior parte delas ultrapassava 45 anos, sendo que encontramos avós de algumas das crianças. As famílias visitadas pareciam pessoas sofridas, mas saudáveis. Reclamam da sua pobreza e frustração por não poderem oferecer um café ou um pouco mais de conforto aos visitantes.

**Aspecto da residência** — 90% dos barracos visitados apresentavam desarrumação, excesso de móveis e pouco espaço livre, falta de higiene (até nos que dispunham de água encanada), moscas, lixo exposto e uma desorganização generalizada. As exceções foram poucas, onde apesar de extrema pobreza havia ordem, limpeza, paredes brilhantes e vazias, camas arrumadas, etc.

**Várias instituições governamentais estão encampando a experiência de creche familiar, apenas um paliativo que não resolve o problema da guarda das crianças pequenas.**

do Sul, por exemplo, não entrega sal, óleo e material de limpeza, indispensáveis ao preparo de alimentos. Na Vila Kennedy, Baixada Fluminense, a crecheira deve arcar por conta própria com os gastos de luz, água, gás etc. A insuficiência de alimentos tende a se agravar com a dispersão de seu uso pela família da mãe crecheira, pois estabelece-se uma ambigüidade a respeito do caráter de "remuneração" que esses produtos adquirem, na ausência de um salário.

### E a criança?

É certo que a creche-lar, pelo fato de agrupar um menor número de crianças, pode propiciar um relacionamento mais afetivo que nas grandes creches, cujo tamanho e quantidade de pessoal tendem a criar um clima mais despersonalizado. A proximidade entre a creche-lar e a casa da criança oferece a vantagem de não exigir grandes deslocamentos, e uma identidade maior com o ambiente em que a criança vive em sua casa.

No entanto, essa identidade é uma moeda de duas faces. Como o serviço é utilizado por pessoas pobres, também na creche-lar a criança terá instalações precárias e inadequadas. A mãe-crecheira tem que arcar sozinha também com o trabalho doméstico, e não tem qualquer condição de dar maior atenção à criança. Isso leva muitas mulheres a deixarem a televisão ligada durante horas seguidas para "sossegar" as crianças.

Em relação à mãe-crecheira, as dificuldades são grandes. Ela fica na situação típica da trabalhadora a domicílio, colocada na encruzilhada entre o trabalho doméstico e o profissional, o que leva a uma falta de clareza na percepção de seu papel e a uma grande insatisfação no trabalho. Ela é uma trabalhadora regular, mas fica excluída dos benefícios trabalhistas básicos, como jornada limitada de trabalho, descanso para almoço, férias, licenças, 13º salário, e sequer tem contato com colegas de trabalho.

Finalmente, por ser um esquema baseado numa única pessoa, ele é muito frágil. Se a crecheira ficar doente, não tem ninguém que possa substituí-la. E qualquer das partes pode romper o esquema, em qualquer momento e por qualquer razão, o que gera uma instabilidade muito grande.

Todos os programas que tentaram contornar esses problemas — registrando e treinando as crecheiras, fornecendo adequado material pedagógico e de consumo ou possibilitando a frequência das crianças a atividades dirigidas num local próximo durante algumas horas do dia — tiveram um custo igual ao de uma creche "tradicional". Como exemplo, temos o caso da França, do Canadá, da favela de Paraisópolis, em São Paulo, e de um programa da LBA em São Carlos (SP), já extinto.

Fúlvia Rosemberg e Adélia Borges



## O que dá para mudar já

Um documento feito em Goiás traz um roteiro de propostas concretas que podem ser adotadas pelos governos estaduais em favor da melhoria da condição da mulher

A vitória da oposição em 10 Estados brasileiros abre imensas possibilidades para o avanço da luta feminista. Se bem organizados, os grupos de mulheres podem pressionar os novos governadores por uma política governamental voltada também aos interesses específicos femininos. Mas, num regime centralizado como o nosso, em que quase tudo depende do governo federal, o que, concretamente, os governos estaduais podem fazer para a melhoria da condição feminina?

O grupo feminista Eva de Novo, de Goiânia, elaborou, ainda durante a campanha eleitoral, um documento conciso e substancial com propostas de uma política governamental para a mulher no âmbito do governo estadual. Entregue aos candidatos a governador, o texto apresenta propostas no que diz respeito ao trabalho feminino, à educação e à saúde.

Ele sugere a criação de uma Secretaria da Condição da Mulher, "dotada de amplos recursos que lhe permitam levantar dados sobre a situação feminina em todo o Estado, estabelecer prioridades de ação e propor as medidas governamentais necessárias à consecução de objetivos que visem prioritariamente: a) o crescimento das oportunidades de emprego e diversificação da formação profissional da mulher; b) a fixação e observação de critérios que possibilitem a solução do problema das creches, dos restaurantes e lavanderias coletivos; c) a interferência no sistema educacional que possibilite a mudança de mentalidade e elimine, com o tempo, as atitudes preconcei-

tuosas e discriminatórias; d) o oferecimento de oportunidades para a formalização de denúncias e reclamações contra discriminação sexual, com assistência jurídica gratuita para apoiar os recursos, possibilitando a apreciação e solução dos casos denunciados; e e) a reorientação da política de saúde do Estado, de forma a considerar as necessidades femininas nessa área."

### Funcionalismo público

Entre as sugestões de mudanças apontadas pelo documento, um dos itens mais interessantes é o que diz respeito ao trabalho feminino. Considerando que o grande empregador em Goiás é o governo, o Grupo Eva de Novo discorre sobre a situação da servidora pública e lembra que algumas categorias, como as de assistentes sociais, enfermeiras e professoras, cuja maioria absoluta é composta de mulheres, têm uma remuneração mensal menor que as outras categorias de servidores públicos do mesmo nível profissional. Pede-se, então, a "equiparação de todos os cargos de nível superior que compõem o Serviço Técnico-Científico, a fim de que funções tipicamente femininas não tenham remuneração inferior. As diferenças salariais devem ser estabelecidas apenas se houver diferença de jornada de trabalho, proporcionalmente à redução de horas efetuada".

Pede-se ainda o "reconhecimento oficial da importância da função do magistério na pré-escola, no 1º e 2º graus, com a dignificação

dessa função através de uma remuneração condigna e estimulante. A remuneração dos professores do 2º grau não deve ser inferior à estabelecida para os profissionais de nível superior dos quadros de pessoal das demais Secretarias de Estado".

Para corrigir distorções derivadas do conceito de que o espaço da mulher é a casa e o espaço do homem é o trabalho, o Eva de Novo faz algumas reivindicações:

— Concessão de um mês de licença ao pai servidor público, após o nascimento do filho, de forma que não apenas a mulher, mas o casal, possa estar com a criança nos primeiros dias de vida e assisti-la.

— Abono de falta e atrasos para a mãe e o pai que tenham que assistir filho menor, mediante declaração daquele que tenha prestado a assistência.

— Os benefícios que são concedidos às esposas dos servidores devem ser estendidos também aos maridos das servidoras. A concessão dos benefícios apenas à esposa é discriminatória, privilegiando a carreira masculina.

Embora representativa no serviço público, a mulher não tem ocupado função de direção superior em todo o campo da administração pública estadual em Goiás. Em vista disso, o Eva de Novo sugere:

— Estabelecimento de normas que obriguem os dirigentes dos órgãos estaduais a obedecer critérios de proporcionalidade entre ambos os sexos para a designação de chefias e assessorias.

— Adoção de medidas eficazes de fiscalização dos órgãos públicos para evitar discriminações às mulheres nas admissões e promoções, bem como no acesso às funções consideradas masculinas (como fiscal, delegado, juiz, promotor), com enérgica ação governamental punitiva sobre as autoridades que burlarem a legislação.

### Até a Polícia

O documento faz ainda uma série de outras sugestões nas áreas de trabalho, educação e saúde, apontando até a necessidade de modificação de atitude da Polícia. Propõe, por exemplo, o "reconhecimento da gravidade das violências físicas que vitimam as mulheres, com adoção de medidas bastante amplas para combatê-las, que incluam desde a eliminação dos estereótipos femininos negativos, através de mudança na educação e de orientação aos meios de comunicação, a esforços junto aos órgãos policiais visando efetivar também mudanças de atitudes no registro das ocorrências relatadas pelas mulheres".

Se você se interessar em conhecer o documento na íntegra, procure na biblioteca da Fundação Carlos Chagas ou então solicite diretamente ao Eva de Novo (A/C Ângela Cristina Macarenhas, rua 233, nº 1118, Setor Universitário, Goiânia, Goiás, 74.000). O grupo é composto por Ângela, Jane J. Sarques, Letícia Pereira Araújo e Telma Camargo da Silva.

Adélia Borges



## Nem sós nem mal acompanhadas

O grupo Germinal, do Rio Grande do Sul, defende a autonomia do movimento feminista, mas diz que isso não pode impedi-lo de marcar posição nos principais acontecimentos da conjuntura política.

**É** necessário que se amplie o debate sobre o feminismo como forma não apenas de combate às posições direitistas e manipulatórias (como as do jornal *Hora do Povo*, por exemplo) que negam a luta específica da mulher, mas também como único meio de firmar no próprio movimento feminista uma posição eficaz no plano político e efetivamente revolucionária.

Na tentativa de contribuir para este debate, expomos a seguir nossa opinião sobre alguns pontos que nos parecem polêmicos e que demarcam divergências com outras posições feministas.

### Sexismo

A explosão do Movimento Feminista na década de 60 foi marcada por sua espontaneidade. Por decorrência, a questão organizativa do Movimento Feminista não estava colocada em toda sua dimensão. Além disso, a revolta das mulheres contra a situação que lhes oprimia, sua reação evidentemente progressista, trazia uma nítida inflexão de combate aos homens e não de luta contra o tipo de sociedade que permitia e alimentava a opressão sobre a mulher.

A confusão se colocou primeiramente porque a própria forma das sociedades industriais da Europa e EUA — a existência de uma aristocracia operária, a vigência das chamadas "franquias democráticas", etc... — dificulta

de classe, essencialmente explorador, seja percebido com facilidade. Ao mesmo tempo, é verdade que os ho-

mens são inconscientemente os agentes diretos da opressão sobre a mulher, fato que conduz qualquer análise superficial e mesmo algumas afirmações aparentadas ao senso comum a identificarem no masculino a causa de todos os males. Todavia, se este erro caracteriza um desvio sexista já historicamente superado, as posições de alguns grupos feministas acabam revivendo a mesma incompreensão, o que reproduz práticas sectárias e absolutamente ineficazes.

### Caráter do Movimento

O Movimento Feminista é um movimento político-ideológico e deve ser pensado e praticado enquanto tal sob pena de se diluir em um conteúdo de atuação meramente terapêutica. Enquanto mulheres somos oprimidas individualmente e é a partir da consciência desta opressão que crescemos para a luta. Mas a nossa construção individual como militantes, através da reflexão e estudo, é apenas um dos passos para a nossa atuação. Por isso, os grupos feministas não se podem limitar à discussão das experiências individuais de suas componentes. Essa prática leva ao isolamento das feministas em pequenos grupos fechados e, muitas vezes, competitivos.

Pensar politicamente nosso movimento é ter claro sua intrincada relação com o tipo de sociedade em que vivemos e sua inserção nas lutas sociais. É impossível libertar a mulher sem a transformação radical da sociedade de classes. Mas não se deve relegar ao futuro as bandeiras feministas: a garantia da realização desse futuro passa pela luta levada desde hoje e algumas reivindicações específicas da mulher poderão ser alcançadas mesmo nos marcos do capitalismo.

### Autonomia

Para acabar com a opressão as mulheres precisam participar em todas as instâncias políticas. Não participar de partidos políticos, sindicatos, etc... porque são entidades hierarquizadas ou "masculinas" é cair no isolamento e numa prática sexista. Interessa às mulheres que o poder seja tomado pela classe operária e demais camadas populares e colocado a serviço da construção de uma nova sociedade. A conquista dessa nova sociedade marcará um passo importantíssimo para a libertação da mulher, cuja luta deverá prosseguir transcendendo mesmo os marcos da luta de classes.

A autonomia do Movimento Feminista significa apenas o seu não atrelamento aos interesses dos partidos e demais entidades de representação.

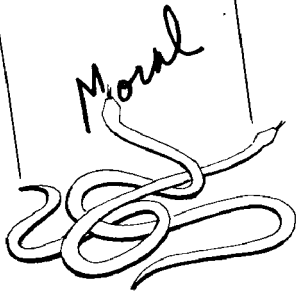
O que se traduz, por exemplo, numa postura de princípios contrária à organização do tipo "Federação de Mulheres" (que congrega mulheres representando entidades). O Movimento Feminista não se "federaliza", não é organizado a partir das entidades. Exatamente porque é mais amplo e deve partir da organização das mulheres enquanto indivíduos. Todavia, o Movimento Feminista deve discutir, pensar e interferir na política em curso; deve arcar sua posição frente aos principais acontecimentos da conjuntura e, neste contexto, colocar-se ao nível das reivindicações operárias e populares. Qualquer compreensão de "autonomia" que não leve em conta esta intervenção política necessária representa uma posição atrasada incapaz de fazer frente à diluição da especificidade feminista proposta pelas correntes direitistas e manipulatórias.

Grupo Feminista Germinal, Santa Maria, RS.



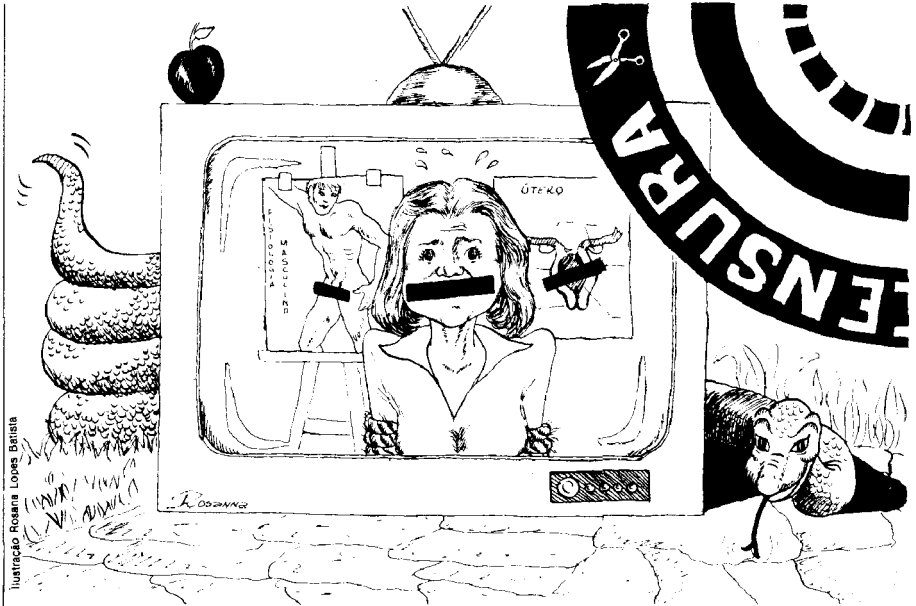
Ilustração Roberta Masciarelli





Numa segunda-feira de dezembro, ao final do programa TV Mulher, Marília Gabriela leu um comunicado da direção da TV Globo avisando que o quadro "Comportamento Sexual" de Martha Suplicy não mais seria transmitido, devido às pressões de "órgãos oficiais obscurantistas". Conscientes da importância do trabalho de Martha, as feministas mobilizaram-se rapidamente e, duas horas depois, uma comissão que incluía uma vereadora do PT e uma deputada do PMDB já comparecia à sede da tevê para entregar abaixo-assinado de várias feministas protestando contra o ato.

Seguiu-se uma semana agitada, com desmentidos e esclarecimentos da Globo e do DENTEL, e manifestações das mulheres que foram às ruas e ameaçaram impetrar um mandado de segurança. Essa mobilização obteve vitória imediata: uma semana depois, o quadro de Martha era reestabelecido. Neste artigo, Irede Cardoso, editora do programa, analisa as razões que estão atrás do episódio.



## Um membro que incomoda muita gente

A diferença entre "uma" censura e "a" censura é evidente para qualquer pessoa de bom senso. No Brasil, não chegamos ainda a ultrapassar Aristóteles, fixados que somos em categorias existentes num céu da sétima esfera, essas abstrações que se cristalizam no pensamento e comportamento, especialmente dos que se encastelam no poder. Assim, não temos uma censura, mas "a censura", em poder de um grupo que se considera iluminado, falando em nome de uma sociedade que ele diz representar e que, na realidade, não existe.

Sempre digo que quando alguém tem problemas de ordem sexual e não faz terapia, não conversa abertamente sobre o que sente e, além disso, por artimanhas nem sempre legítimas, é guindado ao poder, vamos ver vir à tona todas as fantasias inconscientes. Nada temos contra fantasias, mas se elas são ridículas, coíhem um pouco de bom humor. Então, quando Martha é censurada por falar "pênis" e não "membro", por não poder falar "transa", "himen", vai daí que é possível, por exemplo que ela, um dia, venha a não poder falar "nariz". Por que não? É preciso, por isso, que sentimentos e partes do corpo, suas secreções, o prazer, tenham liberdade de ser traduzidos através de palavras. E palavras adequadas, corretas, explícitas.

Como chegar a isso, se ainda impera a exceção e se tevês e rádios são concessões do governo? Podemos ter horror a uma relação sexual anal, mas nem por isso a relação sexual anal deixa de ser um fato e precisa ser discutida, como qualquer fato, como essa covinha no queixo ou os pelos do nariz. Discutido para ser entendido, conhecido.

Martha sempre se conduziu com firmeza, pela TV-Mulher, com sua competência e didatismo, sem transformar a sexualidade em descrições estereis do funcionamento da anatomia humana. Ela discute valores, algo, aliás,

que a Fundação Carlos Chagas, através de Carmen Barroso e Cristina Bruschini, soube tão bem trazer à tona em seu último trabalho sobre sexualidade.

Discutir valores é que é o "perigo": isso põe em risco toda uma estrutura voltada para o trabalho e que valorizou a produção, em detrimento do prazer. Que o homem tenha prazer, ainda vá lá. Mas a mulher, essa tem que ser a mãe pura e a esposa devotada, duas expressões abomináveis, quando são pronunciadas pelos que têm nojo da sexualidade. Mulher tendo prazer vai abalar todas as estruturas, pensam esses que não só nunca tiveram prazer junto com os seus (familiares) como também só têm prazer em fantasias que consideram perversas ou em situações que consideram perversidas.

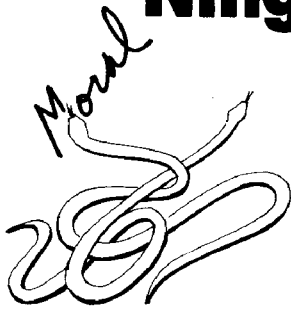
Mal sabem que o prazer é tido, há séculos, como inimigo da sociedade industrial e que ele se interpõe entre as engrenagens devoradoras das máquinas, emperrando seu funcionamento indiferente ao ser humano inteiro. Sendo a mulher uma reprodutora de trabalhadores que serão entregues às engrenagens como mão-de-obra barata e substituível, a ela compete calar-se e sofrer o estupro todas as noites, ao cumprir seu "dever conjugal". Martha desafia essa sinistra norma: as mulheres podem, quem sabe, ter uma porção de filhinhos e filhinhas, desprezando o controle fascista da natalidade, todos eles muito prazerosos, lutando por um mundo melhor, onde trabalho e prazer, contra toda alienação, possam conviver sem embates mortais.

Martha voltou e voltou com o apoio da sociedade civil, dos professores, de supervisores pedagógicos, sociólogos, advogados e, sobretudo, com a força do movimento das mulheres agora mais fortes e capazes de lutar, com prontidão, pelos direitos inalienáveis do ser humano.

Irede Cardoso

Ercília Nogueira Cobra

# Ninguém sabe, ninguém viu



Pelos seus livros, pela sua vida, Ercília Nogueira Cobra tornou-se um nome proscrito em sua família. Até hoje falam da escritora com cuidado ou desviam da conversa para figuras consideradas mais ilustres na genealogia dos Nogueira ou dos Ribeiro da Silva. Dela, só temos notícias esparsas.

Ela é autora de dois livros: *Virgindade Anti-Hygiénica* e *Virgindade Inútil*, nos idos anos 20, e talvez de um terceiro livro — ainda não localizado — *O Filho da Mãe*.

Nasceu por volta de 1890-92, em Mococa, oeste paulista, onde sua família possuía várias fazendas com milhares de pés-de-café.

Em 1920, Ercília esteve na França. Em 1924, publicou pela Editora Monteiro Lobato *Virgindade Anti-Hygiénica*, que foi apreendido pela polícia.

De 1929 é uma foto do Rio e o seu testamento onde elege, como sua única herdeira, a irmã mais velha Estella, com quem abandonou o lar materno.

Na década de 30 está estabelecida em Caxias do Sul onde possuía uma casa de diversões.

A última notícia do próprio punho até agora localizada é de 1937, criticando o Estado Novo.

A partir daí, bem...

— "Abandonou Caxias onde era professora de piano, se casou com um americano e atravessou a fronteira..." (de uma sobrinha).

— "Tia Ercília foi pianista de cabaré em Caxias indo mais tarde para o interior do Paraná..."

Ninguém, até hoje, pode afirmar se Ercília ainda vive ou não.

Maria Lúcia Mott

V

Até hoje, que tem sido a mulher? — Um dote, um engodo para os homens alcançarem altas posições, quando são ricos; carne para os homens carentes sem appetites bestiaes, quando pobres e bellas; solteironas votadas a todos os ridiculos, á ironia dos caricaturistas e dos humoristas faltos de assumpto, quando pobres e feias.

Mas a mulher é um ente humano! Tem direitos naturaes, soffre e não pôde continuar a servir de tapete para os pés dos homens.

Os preconceitos holorentos têm que cair. E' forçoso que caíam. O mundo

49

não vai sem piedade para com a mulher, a secular escrava branca. O aliantamento da civilização não permite que se continue a seguir uma moral podre em seus fundamentos.

A lei que rege os destinos humanos baseia-se na evolução, na mudança, no progresso. O que era moral ha seculos, é hoje puro attentado aos principios liberaes da epoca em que vivemos.

Quem admittirá hoje um escravo em sua casa?

Quem consentiria hoje que se queimasse uma creatura humana na praça publica? Quem admittiria hoje uma instituição inquisitorial? Ninguem! Ninguem!

Mas a moral que rege os destinos

50

da mulher é a mesma desses tempos barbaros. A mesmissima.

Materializemos com um exemplo as nossas affirmações. Fallemos da honra da mulher.

Todo o mundo sabe onde está collocada a honra da mulher.

Não é segredo para ninguem que a honra da mulher, o seu character, o seu idealismo, a sua consciencia, todos os sentimentos, emfim, que a distinguem da vacca ou da cadella, foram collocados, por convenção do homem, justamente na parte do corpo que mais a approxima desses animaes.

Sim, senhores! Os homens, no afã de conseguir um meio pratico de diminuir a mulher, collocam-lhe a honra entre as pernas, perto do anus, num

51

logar que, quando bem lavado, não dizgo que não seja limpo e até delicioso para certos misteres, mas que nunca jámais poderá ser sede de uma consciencia.

Nunca!!!

Não se controlam sensações phisicas.

Não se pôde collocar a honra, uma coisa abstracta e ideal, no logar meos nobre do animal racional.

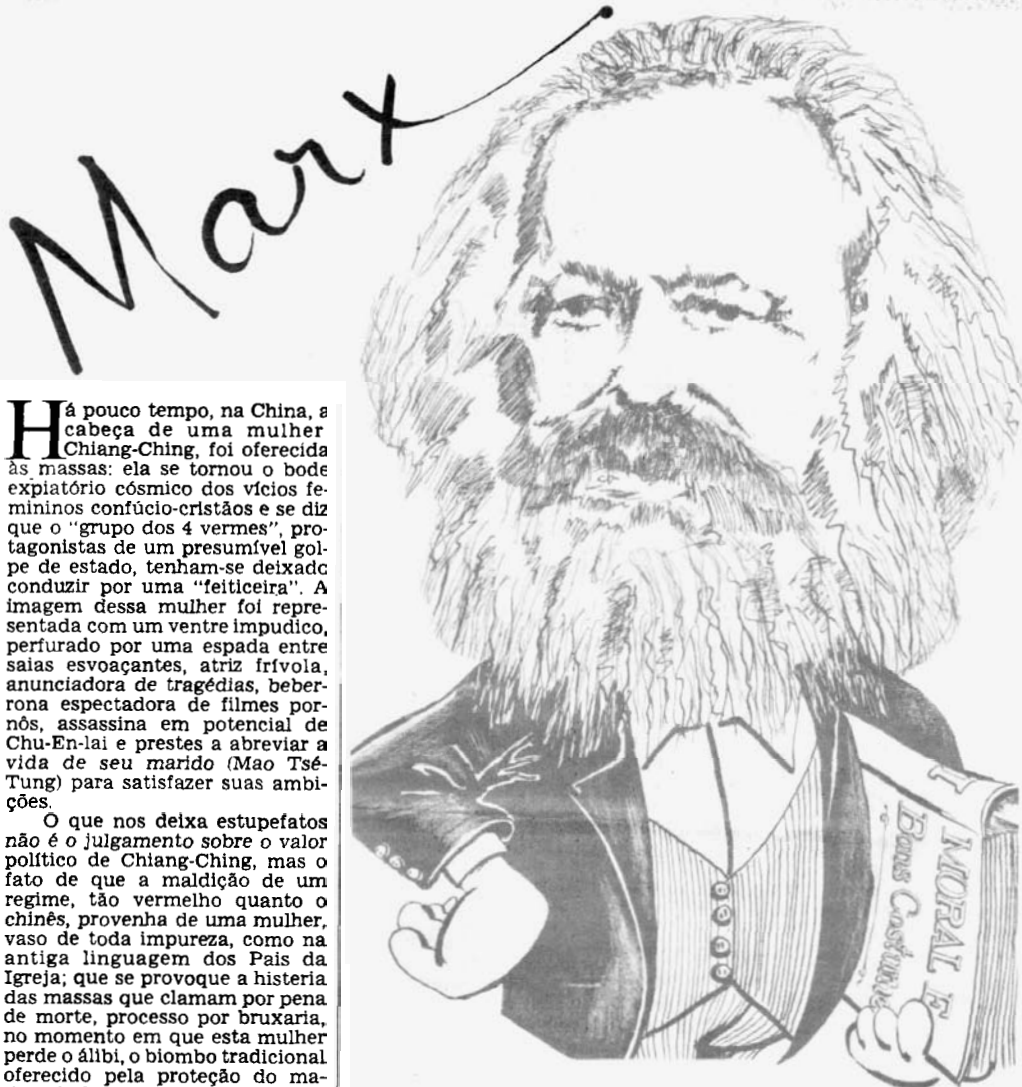
Seria absurdo! Seria ridiculo, si não fôsse perverso.

A mulher não pensa com a vagina nem com o utero.

Com estes orgãos ella sente sensações agradabilissimas, é verdade. Com estes orgãos, quando os faz funcio-nar, ella goza os prazeres nicos que

52

dão forças ao individuo para supportar as tristezas da vida. Por meio destes orgãos ella desfallece de prazer, mas justamente porque são sede de sensações phisicas, sobre elles não pôde pesar lei nenhuma alheia á lei da natureza.



Há pouco tempo, na China, a cabeça de uma mulher Chiang-Ching, foi oferecida às massas: ela se tornou o bode expiatório cósmico dos vícios femininos confúcio-cristãos e se diz que o "grupo dos 4 vermes", protagonistas de um presumível golpe de estado, tenham-se deixado conduzir por uma "feiticeira". A imagem dessa mulher foi representada com um ventre impudico, perfurado por uma espada entre saias esvoaçantes, atriz frívola, anunciadora de tragédias, beberona espectadora de filmes pornôs, assassina em potencial de Chu-En-lai e prestes a abreviar a vida de seu marido (Mao Tsé-Tung) para satisfazer suas ambições.

O que nos deixa estupefatos não é o julgamento sobre o valor político de Chiang-Ching, mas o fato de que a maldição de um regime, tão vermelho quanto o chinês, provenha de uma mulher, vaso de toda impureza, como na antiga linguagem dos Pais da Igreja; que se provoque a histeria das massas que clamam por pena de morte, processo por bruxaria, no momento em que esta mulher perde o alibi, o biombo tradicional oferecido pela proteção do marido-chefe.

Bruxa ou concubina, velha megera ou viúva herdeira. Por que também entre os marxistas, a mulher que faz política tem sido considerada inaceitável ou indigesta? Por que os mais prudentes deixaram suas mulheres num segundo plano até transformá-las na dona-de-casa a mais empoeirada?

A mulher em política é, na minha opinião, inaceitável porque ela rompe o pacto secreto que existe entre o público (homem) e o privado (mulher) e coloca na posição horizontal o corpo materno que para o homem, mesmo marxista, é vertical, assexuado.

A partir da explosão de misoginia contra Chiang-Ching no país mais "vermelho" do mundo, eu me voltei para a análise — crua e insólita — das relações entre os fundadores do marxismo e suas mulheres. Cheguei à conclusão de que a ambiguidade e a hipocrisia social, o "como-deve-ser" pequeno-burguês, a carolice foram quase sempre a regra do relaciona-

mento entre revolucionários, suas mulheres e filhas. Nós estamos, como se vê, diante de um problema crucial não para percorrer a história passada, mas, ao contrário, para compreender que, enquanto esta podridão de moralidade pequeno-burguesa subsistir, que não haverá, no movimento operário, esperanças para um materialismo feminista.

As bases teóricas lançadas por Engels na *Origem da Família* (1884) são ainda hoje o ponto de partida para considerar a opressão das mulheres como uma opressão específica da classe de mulheres oprimidas. Engels afirma que "a primeira opressão de classe que se manifesta na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre homem e mulher no casamento conjugal, e a primeira opressão de classe coincide com a opressão do sexo feminino pelo masculino... Na família o homem é o burguês, a mulher desempenha o papel do proletário..." O escravo — certo, em formas ainda muito rudimentares e latentes na família — é a primeira propriedade, que aliás corresponde já perfeitamente à definição dos economistas modernos, segundo os quais a família é a livre disposição da força de trabalho do outro.

Vejam: o elo que falta entre marxismo e feminismo provém do fato de que esta primeira opressão surge da noite dos tempos, este germe primordial, elaboração quase mítica da origem da família. De fato, o movimento socialista desde seu início interiorizou uma praxis pudica e pequeno-burguesa, aceitando a mesma divisão burguesa dos papéis masculino/feminino, recusando a especificidade da revolta feminina. Contraste entre teoria e praxis? Divisão entre público e privado? Dupla moralidade? Sim: uma teoria revolucionária foi acompanhada por uma concepção antiquada dos valores familiares, como o puritanismo e as regras de produção/reprodução dominantes.

A prática do segredo, da dupla moralidade, acompanhou historicamente a vida dos fundadores do marxismo e acompanha, ainda hoje, alguns dos chefes comunistas. Alimenta-se, para as

## Façam o que eu digo, não façam o que eu faço

*"Marx se tornou sinônimo da expulsão da mulher do pensamento político, e aquela que aí ousa intervir parece tão obscena aos carolas teóricos, quanto a deusa Razão, dançando nua na Igreja de Notre-Dame durante a Revolução Francesa". É Maria Antonietta Macciocchi quem afirma, em seu livro As mulheres e seus mestres, onde se propõe uma nova leitura dos textos marxistas. Mas uma leitura feita por olhos e ouvidos femininos, única forma de "tocar o relicário divino dos logos, onde está a urna dos conceitos marxistas" e de descobrir "como se explica, se teoriza, se desenha e se avalia a mulher no modelo teórico marxista que não pode se separar de praxis".*

Moral  
WEP

Marx

massas, a fábula de uma vida edificante de santos proletários, fundadores de uma nova religião que, por se afastar do real vivido, contribuirá para que a teoria assuma as características do dogma.

Mesmo reconhecendo a contribuição teórica de Marx à questão feminina, é preciso lembrar que Marx teve um filho ilegítimo de uma relação com sua empregada Helena. Frederik Demuth foi criado por uma ama-seca a fim de manter a reputação de Marx, a respeitabilidade de sua mulher Genny e os direitos das filhas legítimas, não só diante da opinião pública burguesa, mas também da mentalidade socialista da época.

Todo mundo sabe que Marx e Engels viram na prostituição da mulher o reflexo da exploração social como um todo. Ora, um dia sua mulher Genny Von Westphalen foi presa em Bruxelas por engano. O Dr. Karl Marx se indignou profundamente. Sua mulher em companhia de prostitutas, que vergonha para a família Marx! Marx e Engels podem proclamar no Capital sua indignação contra a sociedade que obriga as mulheres do povo a fazerem "trottoir", mas que Genny, mesmo por poucas horas, seja confundida com elas é inadmissível para Marx, que se indigna como um marido burguês, numa espécie de Janus com duas cabeças: contradição entre a obra teórica e a existência real.

Na enquete sobre o trabalho das mulheres nas minas, contida no Capital, Marx, reporta-se simplesmente ao questionário oficial da enquete parlamentar inglesa, não procurando polemizar com seus autores, admitindo como aceitáveis e válidos certos julgamentos como aquele do escândalo provocado por operárias que fumavam, que usavam roupas masculinas e que viviam na promiscuidade dos homens. Reproduz também, sem qualquer comentário, a seguinte nota do questionário oficial: "A degradação social das trabalhadoras solteiras é extrema e lamentável. Quando estas moças se tornam mulheres de operários mineiros, os homens sofrem profundamente de sua degradação, e isto os leva a abandonarem seus lares e se entregam à bebida".

Como chefe político, dirigente da Internacional, encontraremos em Marx maduro uma espécie de indiferença — zombaria frente à

mulher que não se contenta, em política, com a simples representação nos organismos revolucionários (masculinos). Escrevendo a Kugelmann, Marx responde irônico aos protestos das militantes: "As senhoras (em francês dames) não se podem queixar da Internacional que elegeu uma mulher, a senhora Law, para o Conselho Geral (...) Qualquer um que conhece um pouco de história não ignora que as grandes transformações sociais são impossíveis sem o fermento feminino. O progresso social é exatamente medido pela posição social do belo sexo (incluídas as feias)".

Marx-pai mostrava um autoritarismo do mais desusado em relação às suas três filhas, vigiando-as para proteger sua castidade, a fim de bem casá-las: queria saber se o rapaz possuía ou não dinheiro, se sua origem era de boa classe. Viglia de perto, interrogava e os mandava embora. Escreve a Paul Lafargue, que corteja Laura: "Se quando estiver perto dela, você não souber amá-la de um modo que se enquadre ao meridiano de Londres, deverá resignar-se a amá-la de longe".

Laura se casará com Lafargue em 1868 e se suicidará com ele, segundo as descrições da imprensa, em 1911, sem qualquer explicação. Lenin dedicou o discurso fúnebre inteiramente a Lafargue, citando Laura, de passagem, no início, apenas como filha de Karl Marx.

Quando Eleonor (uma outra filha) aos 16 anos de idade encontra Lissagaray, autor da História da Comuna de Paris, Marx tenta, e consegue, afastar dela esse "basco ardente". Mais tarde, Eleonor apaixonou-se por um tal Edward

Aveling, com o qual se amasou, em 1884, um ano após a morte de seu pai. Mas Aveling, dissipado e jogador, havia escondido sua condição de homem casado e de pai; além disso, durante sua relação conjugal com Eleonor, casou-se com outra mulher, sob falso nome. O choque provocado pela realidade de Don Juan fez com que Eleonor enlouquecesse, e se envenenasse.

Laura e Eleonor, militantes, socialistas, aparecem através de escritos esparsos como duas feministas audaciosas e decididas, criticando a castidade como holocausto, o casamento como prostituição, evidenciando a loucura das mulheres sexualmente reprimidas e a escravidão aceita da "megeira doméstica". Exaltando Bebel, Engels e Stewart Mill, articulavam discursos apaixonados sobre a emancipação feminina através da organização das mulheres socialistas.

As filhas de Marx esperavam a redenção absoluta das mulheres somente no socialismo; sua fraqueza consiste em confundir um mesmo destino para homens e mulheres e, portanto, na dicotomia entre a revolução feminina teorizada pelo socialismo e a realidade, para a qual a educação patriarcal de Karl Marx parece não lhes ter preparado.

Atualmente uma filha de Marx, juntamente com a mãe Genny (so lado da boa Helena) dividem o túmulo do Pai do socialismo em Highgate. Falta apenas Frederico, o pequeno bastardo.

Lenin se ergue como um gigante na história da libertação feminina, por seus decretos que acompanham a Revolução de outubro. Um deles transforma o casamento no simples registro de



uma ligação; outro permite dissolvê-lo, um outro legaliza o aborto.

Mas logo, Lenin se inquietava: um ar de libertação sexual tomava conta dos jovens comunistas, russos e alemães. Seu temor é de que o arrebatamento revolucionário pudesse canalizar-se para um desperdício sexual. Neste momento, Lenin apela por uma militante experiente, Clara Zetkin para gestar a célebre entrevista sobre o amor que "não é um copo d'água". Apesar de não nomeá-las diretamente, ataca as dirigentes revolucionárias (principalmente as alemãs), que procuram ligar política e emancipação sexual: por exemplo, aquelas que em Berlim, haviam criado um jornal para as prostitutas; Ruth Fisher que escrevera um folheto sobre a questão sexual; Vera Schmidt, que fundou em Moscou os primeiros institutos de psicanálise sobre a sexualidade infantil; e, finalmente, a bela e livre Kollontai que teorizava sobre "uma revolução sexual estritamente ligada à revolução política".

"(...) Esta nova vida sexual da juventude e às vezes dos próprios adultos — explode Lenin —, me parece muitas vezes como algo inteiramente burguês, como um dos múltiplos aspectos de um lupanar burguês."

Não obstante, durante a entrevista a Zetkin, Lenin parece intuir, graças ao ardor das mulheres e das jovens ao colocarem a questão sexual, que alguma coisa está-se transformando e acrescenta: "O Comunismo deve suscitar não o ascetismo, mas a alegria de viver e o reconforto que são também devidos à plenitude do amor". Mas, com base nesta entrevista, todos os partidos Comunistas vão preconizar uma moral se-

vera. Stalin, que se proclamou intérprete oficial do leninismo usará como divisa: "Não a fraqueza! Não às forças desperdiçadas ou destruídas. Saber dominar-se, disciplinar seus atos, não é escravidão. Isto também é necessário em amor".

Minha releitura da vida privada de Lenin deixa transparecer um homem da ordem, um honesto pequeno-burguês russo que defendia a respeitabilidade da fachada familiar. Da mulher que amou — Inês Armand — durante seu casamento com Krupskaja, praticamente não ficou quase nenhum testemunho. Em seu lugar, os historiadores do movimento operário — tal como o comunista francês Freville (Lenin em Paris) — pintam quadrinhos edificantes, narrando os encontros, em Paris, entre Lenin e sua "colaboradora Inessa", francesa de origem e russa por educação. Eles se encontravam na casa de Inessa, escreve Freville, mas sempre na presença do operário bolchevista Mazaroff. Inessa sentava-se ao piano, "tocava como uma virtuose". Parece que pediu a Inessa para não tocar a Apassionata "pois não se devia permitir emoções deste tipo" (ibid).

Mas esse Lenin apaixonado não tolerava que Inessa teorizasse sobre a paixão. Censurou-a, através de textos virulentos quando a moça se propôs escrever um folheto sobre a Liberdade de amor, onde afirmava: "Mesmo uma paixão, uma ligação passageira, são mais poéticas e mais puras que os belos conjugais sem amor".

Uma contradição profunda se abate sobre o teórico da revolução. De um lado, sua verdadeira paixão por Inês — este amor belo e poderoso neste homem que belou o mundo — e de outro a

negação teórica do amor-paixão. Censura Inessa: "Não seja um passarinho gozador, seja séria, pois você se esquece (em seu livro) da perspectiva de classe e passa ao ataque contra mim".

Inês é uma outra mulher que se tornou afásica na história do movimento comunista: sabemos que a jovem renunciou para sempre escrever o folheto sobre o amor.

As pegadas dos passos femininos ao lado de Lenin foram cuidadosamente apagadas e apenas transparece um páldio reflexo sobre sua esposa oficial Krupskaja. Inessa passou a ser definida oficialmente nos manuais do militante, como a "colaboradora de Lenin". Até mesmo as cartas que Kollontai, em sua Autobiografia, diz ter escrito a Lenin, bem como as respostas de Lenin, desapareceram. Estes prestidigitadores misóginos da História, que foram os herdeiros de Lenin, quiseram fazer da Revolução de outubro uma revolução apenas de homens, da qual era necessário apagar as mulheres revolucionárias, as mulheres amadas, as paixões, transformando, assim também, esta vanguarda de combatentes num exército de ascetas, de profetas.

Deixo vislumbrar o quanto ainda se teria a dizer sobre esta orientação misógina, o quanto seria urgente — para o marxismo e para o feminismo — devolver à estas mulheres suas vozes amordaçadas pela história oficial do comunismo. Inês morreu tragicamente de cólera, em 1920, depois de ter exercido funções no partido e no governo da Rússia dos soviéticos. Lenin, apesar de presente aos funerais, não figura entre os oradores que lhe homenagearam. Krupskaja, que chorava, descreve Lenin "transformado, páldio". Aconteceu porém, que assim que o caixão baixou à cova, sem esperar um só instante, Lenin se virou bruscamente, pôs as mãos atrás das costas e entrou em seu escritório... o chefe da Revolução de outubro não se podia permitir emoções apaixonadas. Lenin foi o primeiro a abrir a perspectiva grandiosa do poder político para as mulheres como sujeitos autônomos. "Mesmo uma cozinheira pode dirigir o Estado dos Soviéticos." Mas o que aconteceu à cozinheira soviética? Mandaram-na de volta ao forno e ao fogão. Texto de Maria Antonieta Maccicchi condensado por — Maria Angélica Carvalho.

Ilustração Odair Guatieri



# Agnes Heller

## Uma escolha entre a vida e a liberdade

*Agnes Heller é uma das intelectuais mais respeitadas na Europa hoje. Húngara, ela foi assistente do filósofo marxista Georg Lukács e membro da "Escola de Budapeste". Excluída do Partido Comunista húngaro e da Universidade, transferiu-se para a Europa Ocidental e hoje dá aulas numa universidade da Austrália.*

*Carmen Barroso e Elizabeth Souza Lobo, de Mulherio, a conheceram num congresso na Cidade do México, em agosto de 1982. Elas já conheciam algo de sua obra, mas especialmente as fascinou a vivacidade daquela mulher miúda e morena, cujos olhos brilham quando fala e que vai crescendo como se seu pensamento e seus sonhos fossem ocupando as salas solenes da Universidade.*

*Numa manhã, em seu hotel, Agnes Heller lhes concedeu, generosa e vibrante, esta entrevista, da qual só uma pequena parte publicamos no Mulherio. Beth e Carmen lhe deixaram, orgulhosas, um número de jornal, como mais um argumento do que ela mesma lhes falou sobre a irradiação deste movimento de esclarecimento e luta, que é o feminismo no mundo moderno.*

*Já foram publicados dois livros de Agnes Heller no Brasil: O cotidiano e a história, da Paz e Terra, e Para mudar a vida, da Editora Brasiliense.*

**V**ocê afirmou em sua conferência que as mulheres, como atores de mudanças nas sociedades modernas, estão realizando uma radicalização da democracia. Como se tornou possível essa "radicalização"?

O feminismo é um movimento moderno. Nunca encontramos antes na história da humanidade nada igual ao movimento feminista, nem poderíamos tê-lo encontrado. As mulheres já estiveram insatisfeitas com sua situação, sentiram que estavam submetidas à dominação masculina. Mas esse tipo de sentimento — que pode ter existido como necessidade — não poderia ter sido expresso enquanto os valores que a modernidade desenvolveu, a liberdade e a igualdade, não tivessem sido formulados. Só então as mulheres concluíram que também são pessoas, não são simplesmente membros da unidade doméstica, das famílias ou das comunidades orgânicas. Se são pessoas, têm que ser livres e iguais.

Criados esses valores, as mulheres conseguiram formular suas necessidades, seus objetivos, seus projetos e começaram assim seu movimento, que poderíamos chamar de movimento de liberação da mulher. Na verdade, só podemos falar de feminismo durante o século XX. Porém, o movimento de liberação da mulher é mais antigo: o movimento sufragista, pelos direitos civis, pelo voto, esses já eram movimentos de liberação da mulher.

O novo no feminismo é que as mulheres descobriram ter uma tradição própria, não menos importante do que a tradição masculina. Todos os tipos de movimentos de mulheres expressaram necessidades radicais, a da igualdade por exemplo. Mas a igualdade não pode realizar-se numa sociedade de exploração, sob uma hierarquia social — e porque essas necessidades não podem ser satisfeitas nas sociedades em que foram formuladas, são radicais.

Nos movimentos feministas atuais, a democracia foi radicalizada porque as mulheres não querem limitar-se a penetrar os canais de decisão política que já existem, mas querem tomar nas suas mãos o processo decisório político. É disso que trata a democracia radical. Ou seja: todo processo político decisório tem que estar nas mãos das próprias pessoas afetadas por essas decisões.

Mas esses novos valores radicais são difíceis de pôr em prática.

Sim, mas essa é a vantagem, e não a desvantagem do movimento feminista. Porque o que conta não é a organização em si, as organizações rígidas, constantes, que são basicamente relacionadas com o problema do poder, querem dominar. O bom do movimento feminista é que ele não adota este tipo de organização, é um movimento de esclarecimento que oferece às mulheres a possibilidade de perscrutarem sua própria situação.





"O aborto implica num conflito moral, sim. E nesse conflito temos que fazer uma escolha moral, entre o valor da vida e o valor da liberdade."



"A democracia foi radicalizada nos movimentos feministas atuais"

Ele não procura o poder, procura um objetivo muito diferente: libertar a mulher da estrutura da dominação. Nesse particular o movimento feminista teve uma influência enorme, muito maior do que movimentos bem organizados poderiam atingir.

Mas veja a questão do aborto. Mesmo se nós nos esclarecemos e sabemos que temos direito ao aborto, ao controle do nosso corpo, a lei proíbe e a repressão existe. Como pode a mulher libertar-se da estrutura do poder se essa estrutura controla sua vida?

Você tem razão. Quando falei que o movimento feminista não é uma organização, no sentido tradicional do significado da palavra, não disse que ele não pode se organizar em torno de objetivos específicos. Na questão do aborto, é evidente que temos que nos organizar para forçar as estruturas dominantes a escutar nossos argumentos.

Qual é então a relação entre esses dois tipos de movimentos?

Os dois não podem ser desconectados um do outro. O movimento feminista é um movimento de esclarecimento, faz com que as mulheres reflitam sobre sua situação. Mas elas podem refletir melhor sobre sua situação quando existem movimentos organizados em torno de objetivos concretos de luta.

Assim as mulheres aprendem a refletir sobre sua situação, transformam-se através da própria luta por objetivos concretos. Podem também conversar sobre assuntos sobre os quais não podemos organizar movimentos, como a igualdade sexual no casamento.

Não podemos nos manifestar contra as práticas sexuais realizadas contra as mulheres pelos homens. São problemas que as mulheres têm que resolver no privado, nenhuma organização pode resolvê-los, mas temos que discutí-los mesmo se as mulheres só podem solucioná-los sozinhas e não numa luta organizada.

Gostaria que você desenvolvesse esse conceito de alienação da mulher face ao seu corpo.

Acho que as mulheres alienam não só seu corpo mas também seu próprio ser através do sentimento de dependência. Elas são socializadas através desse sentimento de dependência — do pai, do marido, do casamento. Têm que ser escravas de seus maridos, vestirem-se para atrair os homens. O importante no processo de esclarecimento é ensinar as mulheres a não se alienarem, a construírem sua auto-identidade. Assim, em todas as relações humanas, com pais, maridos e também com as crianças, temos que preservar nossa própria identidade, nossa autoconfiança, nossa personalidade.



Somos todas pessoas iguais e a igualdade não quer dizer simplesmente igualdade política ou social, quer dizer também igualdade pessoal. Isso é muito importante. Eu me lembro que há 20 ou 30 anos atrás as mulheres eram hostis entre si porque competiam pelos homens. Acredito que isso mudou. As mulheres entendem que têm que ter solidariedade entre si e não competir uma com a outra.

Voltando à questão do aborto, você acha que o argumento moral é válido, ou é apenas uma cortina de fumaça para encobrir o interesse real da Igreja católica de controlar a sexualidade da mulher?

Quando a gente fala de aborto temos que levar o argumento moral a sério. Temos que responder com argumentos morais e políticos.

Não podemos negar que o problema do aborto implica um conflito moral que não decorre simplesmente de crenças religiosas. Toda mulher que já fez um aborto se defrontou com o conflito moral.

Eu mesma fiz um aborto, sei o que foi esse sentimento de que é um ser vivo e que a gente tem uma escolha. As próprias mulheres sentem que é um conflito moral, não foi a Igreja que introduziu essa noção.

E nesse conflito não há só uma opção. Existem duas. Não é só um valor — o valor da vida — que está em jogo. Eu aceito o valor da vida mas ele aqui está em conflito com o valor da liberdade. E se há conflito moral, então a pessoa pode escolher, ambas as escolhas são morais.

Estamos falando do aborto, mas poderíamos estar nos referindo a outras coisas também, a outros conflitos morais. Como é que fica uma guerra de liberação? Qual a escolha que temos numa guerra de liberação? Mais uma vez é entre a liberdade e a vida. É o mesmo tipo de conflito moral. Ninguém diria que uma guerra de liberação não tem relevância nenhuma, uma vez que a vida, quando comparada à liberdade, sempre é o valor supremo, e nesse sentido, teríamos que escolher a servidão para manter as pessoas vivas.

Ora, também não podemos universalizar esses tipos de escolha. Podemos dizer que há uma escolha moral: ou você escolhe a vida e, portanto, a não liberdade, ou você escolhe a liberdade e, talvez, sacrifica a sua própria vida, assim como as vidas de outros. E essas não são vidas ainda por nascer, são vidas já nascidas, vidas reais, vidas que existem, e esse tipo de escolha ocorre todo dia.

Acredito que nenhuma pessoa de mente sã diria que temos que aceitar a servidão em toda situação, ou seja, que esta é a única opção moral possível, uma vez que a luta pela liberdade é o sacrifício da vida. Mesmo a própria Igreja não diria isso, uma vez que frequentemente a Igreja sacrifica a vida humana por seus princípios. Assim, não podemos negar que é uma escolha moral.

Acho que precisamos dizer sim, é uma escolha moral, mas em cada caso de escolha moral, temos que escolher entre dois valores. E isto fica por conta das mulheres e só por conta delas. A decisão é dela, e nenhuma instituição pode tomá-la no seu lugar.

Carmen Barroso e Elizabeth Souza Lobo



# Homem sweet homem

*Na classe do maternal, uma criança faz cocô na calça. Como qualquer professora faria, o professor vai limpar o aluno no banheiro. Mas essa cena, tão corriqueira na vida das crianças na escola, adquire um ar inusitado. E todos os outros 15 alunos, silenciosos e atentos, acompanham os dois ao banheiro, olhando o professor, um homem, pôr a mão na merda.*

**E**sse episódio aconteceu em 1980 na escolinha Poço do Visconde, em São Paulo. Ele é lembrado pela orientadora pedagógica Paulette Reis Kreigne como um sinal do impacto da entrada do primeiro professor na escola. Hoje, já há três homens dando aulas regularmente no Poço — um número ainda pequeno, se comparado às 16 professoras, mas indicador de que lá, assim como em outras (poucas) escolas paulistas, cuidar de crianças pequenas não é considerada uma tarefa exclusiva de mulheres.

Ter professores sempre foi uma preocupação da direção do Poço. E Gustavo, o professor da cena do cocô, foi o primeiro a se inscrever como candidato, justamente no ano em que a escola começou a oferecer para seu quadro docente uma faixa salarial um pouco acima da média.

Por que essa necessidade? Paulette explica: "Sempre sentimos que o papel do pai era muito pobre para as crianças. Eles não tinham muitos elementos para construir esse papel. Em geral, o que aparecia nos jogos simbólicos era o pai saindo de casa para trabalhar com uma pasta ou bolsa na mão, ele comendo ou lendo jornal. A mãe não, ela era descrita com uma riqueza de detalhes muito maior. A maioria das mães de crianças que estudam no Poço trabalham fora. Então elas apareciam saindo de casa para trabalhar, como no caso do pai, mas também cuidando do nenê, fazendo comida, cuidando da criança quando elas estavam doentes, ou seja, suprindo suas necessidades elementares. Sentíamos que o tempo que a criança permanecia com o pai e com a mãe era, na média, o mesmo. A qualidade da relação é que era diferente. Por isso, eles tinham muito mais elementos para construir o papel da mãe."

A convivência com homens na escola poderia, na opinião de

Paulette, "ajudar a criança a se relacionar com o elemento masculino de uma maneira mais equilibrada. Ela poderia perceber que ter afeto, carinho, aprender, são coisas que não têm uma única fonte, a mulher".

A entrada de Gustavo, no início de 1980, diz Paulette, gerou muita insegurança, mais por parte dos pais do que das crianças, por ser algo novo, desconhecido. Alguns pais manifestaram preconceito contra, outros a favor. E algumas mães criaram uma expectativa exagerada, vendo no professor uma forma de substituir um pai ausente, sobretudo no caso de casais separados. No meio de 1980, entrou o segundo homem, Argeu, professor de Música, com todo o jeito de músico: ele usava brinco, muitos anéis, colares, roupas coloridas. "Senti que para algumas crianças o fato de ele usar brinco foi uma coisa difícil de encaixar. Numa reunião, alguns pais se mostraram muito preconceituosos, preocupados, dizendo: 'Que modelo de homem meu filho vai ter com um professor que usa brincos?' O gozado é que não havia nada no Argeu que justificasse qualquer lembrança de homossexualismo, a não ser os adereços".

Argeu saiu da escola no ano seguinte, não porque a experiência não tivesse dado certo, mas porque se mudou para o Rio. E em 82 mais dois professores foram contratados: Zeca, professor regular de pré-escola, e Rui César, professor de Expressão Artística do 1º grau.

## Um prazer mútuo

Zeca tem 29 anos, está no segundo casamento, tem dois filhos — que, aliás, ele já levou à escola para apresentar a seus alunos. Formou-se em Psicologia, e desde 77 dá aulas na pré-escola. "Esta é a minha opção profissional. Eu gosto disso, gosto de trabalhar com crianças pequenas. A 'volta'



das crianças é uma coisa muito significativa para mim, tanto a nível do trabalho pedagógico propriamente dito como do lado afetivo. Sinto que esse trabalho é bastante prazeroso para ambos os lados."

O que ele ressalta nessa "volta" das crianças é sobretudo a quebra de valores. "O próprio fato de ter um homem na pré-escola já muda para a criança a transa de papéis sexuais. Eles me vêem exercendo algumas atividades que são notadamente vistas como de mulher. Por exemplo: neste ano plantamos nabos e alface, colhemos e depois fizemos uma salada juntos. Foi uma delícia cozinhar juntos, experimentar temperos. Eu uso avental quando estou trabalhando com tinta. Uma ou outra vez, as crianças reagem dizendo que avental não é coisa de homem. Aí a gente conversa, discute, eu mostro que não é porque estou fazendo isso que eu não sou homem ou sou menos homem. Neste ano estou com a classe de 5 a 6 anos de idade, e é incrível como eles já trazem a estereotipia de sexo muito marcada. Eles trazem muito, por exemplo, o conceito de que homem é forte, mulher é fraca."

Zeca demonstra estar muito ligado afetivamente a seus alunos. Conta a história de uma aluna muito tímida, muito encolhida, que na semana anterior enfrenta-

ra "no braço" um colega muito agressivo. "Ele ficou tão assustado com a força dela! E ela saiu contente, feliz..." Ou a história de uma classe que era completamente subjugada por um líder prepotente, que ninguém agüentava mais. Na luta para desbancá-lo, uma menina se destacou e acabou por assumir a liderança, mas de uma forma ainda mais tirana que a do menino. A classe não topou, foi à luta, ela mesma entendeu que não tinha nada a ver assumir um papel que havia repudiado, e as coisas se equilibraram.

Zeca quer continuar trabalhando na pré-escola e pensa em fazer pós-graduação em Psicologia com uma tese sobre a importância da pré-escola na formação das crianças e a importância da participação do homem nesse nível de ensino. "Eu não quero fazer uma tese puramente acadêmica, mas algo que sirva para o movimento de creches, por exemplo", diz.

## Da UNE para o Poço

Mas ele não vê as coisas muito fáceis. Insurge-se contra a própria semântica: "Dentro da estruturação da pré-escola, temos Maternal I, Maternal II. Por que isso? Por que não Paternal I? Ou então, melhor ainda, um terceiro nome?" Ele sente alguma resistência social ao fato de ter escolhido esse caminho na profissão.

"Me perguntam: como é que você faz Psicologia e depois vai trabalhar na pré-escola? Como é que você aguenta trabalhar com 16 crianças, e com colegas quase que só mulheres?" Para ele, esse caminho só foi possível "porque já vivo tentando quebrar a estereotipia masculina na minha vida". A maior dificuldade é o salário muito baixo — atualmente, o Poço paga 75 mil cruzeiros por mês para seus professores, por quatro horas diárias de trabalho em classe, fora as reuniões, a preparação das aulas, etc. "Esse salário dificulta muito a participação maior de homens. Conheço vários homens que curtiriam trabalhar na pré-escola, mas não se dispõem a receber esse salário. Eu próprio tenho que manter meu padrão de vida num nível baixo, e dividir o sustento da casa com minha mulher."

Tomar um rumo na vida diferente



**Rui**  
 "Quando aparece um homem na escola as crianças estabelecem uma relação muito forte, que eu não sei definir muito bem o que é."

**Zeca**  
 "Eu gosto disso, gosto de trabalhar com crianças pequenas. Esta é a minha opção profissional."

da maioria dos homens, que vivem perseguindo o sucesso profissional medido em altos salários, foi também a opção de Rui César, 26 anos, dois filhos, também no segundo casamento. Ele começou a fazer Jornalismo na Bahia, onde morava, e foi presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE) em 79 e 80. Mas gosta mesmo é de fazer Teatro e de dar aulas de Expressão Artística para crianças.

Antes mesmo de presidir a UNE, Rui já tinha sido professor de 1º grau no Instituto Berta, em Salvador, e trabalhado com teatro. Em 1981, voltou ao teatro profissional na Bahia com a peça "TV SOS apresenta: Grite fogo!" (ver **Mulherio** nº 4), sobre a violência contra a mulher. No começo deste ano, mudou-se para São Paulo e levou seu currículo ao Poço do Visconde, e hoje dá aulas de Expressão Artística para crianças das três primeiras séries do 1º grau e faz orientação para os professores da pré-escola, trabalhando três dias por semana, por 48 mil cruzeiros mensais. Fora isso, faz teatro quando é possível e cuida do filho, Diego, de três meses, junto com sua mulher, Rô,

que também dá aulas para crianças e faz teatro.

Rui acha que a presença masculina na escola é tão limitada hoje que "quando aparece um homem as crianças estabelecem uma relação muito forte, que eu não sei definir muito bem o que é." Ele diz que meninas e meninos formam grupos muito isolados na escola, embora em algumas classes já se misturem mais.

No começo do ano, Rui sentiu muita dificuldade em ter uma relação mais próxima com as meninas. "Elas ficam numa distância muito grande do outro sexo, e não perceberam logo de cara no professor uma pessoa em quem poderiam confiar em detalhes. Elas ficavam em grupos de mulheres e me olhavam cochichando entre si, dando risinhos. Agora começaram a confiar mais em mim, vêm mostrar trabalhos, a maioria não tem mais problemas com o contato físico e me abraçam, beijam. Elas são quase todas quietinhas demais. Se aparece uma que joga futebol, se sobressai de alguma forma, todos os meninos querem namorá-la."

Em relação aos meninos, Rui diz que o primeiro contato foi

estabelecido mais em jogos. "Em geral, o contato físico entre eles é agressivo, mais na base de se bater, de lutar. Qualquer outro tipo de aproximação é mal visto. Os meninos menores ainda beijam os outros e deixam ser beijados, mas os maiores não."

No início de novembro, Rui observou que as crianças de 3ª série estavam muito interessadas nas eleições. Eles resolveram fazer então uma eleição na escola. "Tinha uma coisa de teatro. Eles queriam representar o Lula, o Montoro, a Silvia Pimentel, a Lélia Abramo. As crianças da 3ª série organizaram tudo. Fizeram chapas com participação de pessoas de todas as classes. Numa aula fizemos um modelo de cédula, o voto era só em partido, não em nomes, e logo depois todos os alunos já estavam sabendo como era a cédula, eles já tinham ensinado os pequenos, do maternal, a escrever o nome do partido."

O processo todo da eleição foi muito rico: os candidatos faziam um discurso meio geral sobre a situação do país e depois falavam sobre problemas da escola; um prometia trazer um playcenter para o Poço, outro conseguiu ins-

talhar uma rede de vôlei na escola ainda durante a campanha, o que gerou discussões sobre a legitimidade de "pagar promessas antes de eleito" e assim "comprar votos". As crianças elegeram por unanimidade dois juizes eleitorais, autoridades supremas da escola no dia da eleição. Conscientes de sua responsabilidade, os juizes cuidaram de tudo, até impediram um repórter de televisão de filmar dentro da cabina eleitoral, feita por eles mesmos, porque "o voto é secreto". Terminada a eleição, o partido vitorioso, PT organizou com os derrotados a limpeza da escola.

## E nós?

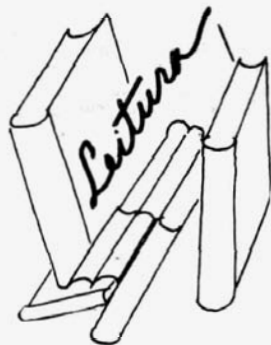
É muito gostoso visitar o Poço do Visconde nesta fase. Minha filha já estudou lá, numa época em que não havia homens, e para mim ficou a impressão de que a existência de professores, ao lado das professoras, enriqueceu muito a vida da escola. Me deu uma vontade enorme de ter tido, em minha infância, professores homens também, especialmente com uma proposta de trabalho como é a de Rui e de Zeca.

Mas fiquei pensando nessa estrutura que faz com que haja uma pirâmide de prestígio e de remuneração no ensino inversamente proporcional à participação de mulheres. Não há dados sobre pré-escola, mas se sabe que as mulheres compõem 95% do magistério primário, 60% do magistério do 2º grau e 23% dos professores das universidades.

A entrada de homens num reduto tipicamente feminino como a pré-escola só foi possível, neste caso, quando o Poço aumentou seu padrão salarial, deixando-o um pouco acima da média das outras escolas semelhantes em São Paulo. Mesmo assim, o salário ainda é muito baixo se comparado ao de outras profissões que exigem nível superior. O salário aumenta, os homens entram. E nós, trabalhadoras mulheres? Nosso salário ainda é visto como uma complementação do salário do marido, como algo "para os alfinetes", mesmo nos casos em que a responsabilidade pelo sustento de uma casa seja principal ou exclusivamente nossa.

Mudar tudo isso não é fácil, nem rápido. Mas é bom lembrar que à nossa entrada em redutos profissionais tipicamente masculinos corresponde a entrada de homens nos nossos redutos. Na França, quando homens começaram a dar aulas em pré-escola, as feministas exigiram a abertura de vagas correspondentes em profissões exclusivamente masculinas. Entravam ganhando altos salários, "salário de homem", e eles, em contrapartida, puxavam para cima os salários das "profissões femininas".

**Adélia Borges**



A queda para o alto. Sandra Mara Herzer, Editora Vozes, 1982.

Dividido em duas partes — um depoimento e um conjunto de poemas — e editado após o suicídio de sua autora em agosto de 82, *A queda para o alto* é um relato minucioso, às vezes trágico, da trajetória de Sandra Mara Herzer através de duas famílias, uma migração, o alcoolismo e a Febem.

Percorrer o sinuoso caminho desta mulher que insistia em ser chamada de Bigode é confrontar-se com as idiossincrasias e contradições de um processo que levou-a, num determinado momento, a se ver e a querer ser vista como homem.

Seguir os pronomes e as denominações diferentes que Herzer utiliza para si mesma e para as outras mulheres fez-me pensar que a discussão sobre sexo não pode deixar de começar na família. A família falhou, há muito. Sobrevive em nossas cabeças por força de duas imagens de si mesma. Uma é a família fantasma que, sendo anterior (como no caso de Herzer) ou inexistente, está isenta de contradições, e funciona como argumento de justificação e permanência ideológica desta. A outra é a imagem da família injusta que, por ser real ou substituta (como no caso de Herzer, que é adotada pela família dos tios assim que perde a mãe) não pode alcançar as expectativas geradas pela idealização anterior.

Bigode se decepciona com a mãe que tem um desejo que uma mãe não pode ter: outro homem. O pai tenta estuprá-la. O álcool e o perambular pelas noites abrem caminho à instituição psiquiátrica, onde ela toma contato com as drogas de farmácia. Daí até a Febem, o caminho não é longo.

Febem, uma prisão de meninas, dirigida por homens. Dias e dias confinadas no escuro. A lenta rotina das punições. Os castigos que ela nos descreve têm uma coisa de instigante: a nudez das vítimas. O corpo nu como depositário fundamental da violência de uma moral sexual brutal. Não só no Oriente os vencedores passeiam mulheres nuas pelas ruas, aqui no nosso paraíso católico faz-se isso com meninas.

De repente, um salto: a descoberta do amor. Na Febem, Herzer

## RELATO TRÁGICO E CORAJOSO

descobre que mulheres podem transar entre si: "... estava sentada no pátio quando meus olhos depararam com o ato amoroso de duas meninas que se beijavam e se abraçavam carinhosamente... e eu fiquei pensando, recordando o jeito como uma delas se trajava, forçando um tipo masculino, embora tivesse gestos muito femininos..."

Ao contrário do que se poderia pensar pela citação, Sandra afirma que tinha uma disposição para se ver como menino desde pequena. A estrutura em que foi colocada, no entanto, exigiu-lhe seguir um papel que nas ruas seria muito mais difícil de engendrar.

Na Febem, há que se fazer algo para passar o tempo, há que encontrar instâncias que centralizem e redistribuam o poder. Surgem assim a menina-pai, a menina-mãe, as meninas-filhos e as meninas-filhas. Novamente a família substituta, desta vez integrada só por mulheres, com a função quase que explícita de aparato libidinoso dentro de uma prisão.

Além de descortinar as relações do nosso mundo com a sexualidade das crianças e de nós mulheres em geral, *A queda para o alto* traz também uma amarga e revoltadora visão dos porões da guerra civil em que estamos atoladas com as milhares de crianças marginais que uma certa "medicina legal", analisada nos trabalhos de Mariza Corrêa, institucionalizou sob a pecha de "menores".

A confusão institucionalizada entre menor de idade e delinquente permeia todo o livro. Herzer não era delinquente; era uma criança da qual a família desistiu. Em nenhum momento descreve um crime. Foi levada à Febem por rejeição da família, desistência descarada de suportar seus vícios noturnos, bebedeiras e sua consciência da pornochanchada familiar.

Sua força e sensibilidade excepcionais transformaram-na num porta-voz político das mulheres-crianças como ela confinadas. Para nós do movimento feminista, seu livro é um libelo, uma referência segura de que a solidariedade entre nós tem de existir e os muros que nos separam de um mundo mais justo têm de começar a ser destruídos em seus alicerces, dentro e fora de nós.

Teca Aarão



## UMA VISÃO MILITANTE E CATEGÓRICA

Para uma ciência da libertação da mulher, de Isabel Largaia e John Dumoulin, Global Editora, 59 páginas, 1982.

Editado recentemente pela Global, *Para uma ciência da libertação da mulher* é a tradução de um artigo de Isabel Largaia e John Dumoulin, publicado em 1971 na revista cubana *Casa de las Americas*. A dupla de escritores analisa questões cruciais para entender a subordinação da mulher e propor caminhos para sua libertação. Só que, para eles, a opressão da mulher se dá apenas na sociedade capitalista e a condição feminina será automática e inevitavelmente superada na sociedade sem classes, quando todas as mulheres forem incorporadas, como trabalhadoras, à produção social.

Denunciam a divisão sexual do trabalho no capitalismo e a desvalorização do trabalho doméstico, mantido invisível no isolamento dos lares, onde horas a fio de trabalho feminino são consumidas. Apontam para o poderoso papel da ideologia, que oculta os fundamentos econômicos da divisão sexual do trabalho e constrói uma rígida assimetria sexual. Mostram que a reprodução é mais do que um processo biológico, incluindo o cuidado com as crianças e a reposição cotidiana da força de trabalho.

Acreditam que no socialismo a mulher atingiu plena igualdade jurídica e social e superou todas as discriminações, mas que a total superação de sua condição de oprimida só se viabilizará com a completa coletivização, pelo Estado, das tarefas domésticas.



Condenam idéias reformistas, de conciliação entre as atividades produtivas da mulher e os afazeres domésticos e propõem medidas revolucionárias, que incorporam totalmente as mulheres na produção social e nas forças armadas, valorizando "suas qualidades de trabalhadora, dirigente e política ou combatente" e "impondo uma rígida conduta nas relações sexuais".

Vale a pena ler, para refletir: a subordinação feminina será mesmo uma característica apenas do capitalismo? Ou ela se dá também em outros sistemas sócio-econômicos nos quais a posição da mulher na família e na reprodução não é menos dominada? Afinal, vários estudos antropológicos, entre os quais o de Gayle Rubin, mostram que, mesmo antes do surgimento da sociedade de classes, e mesmo naquelas sociedades nas quais a mulher participava da esfera pública, sua posição nas relações sociais de gênero era bastante discriminada. Por outro lado, dados sobre a posição da mulher nas sociedades socialistas mostram que, se houve ganhos inegáveis, sobretudo no que diz respeito à igualdade no trabalho, há ainda um longo caminho a percorrer, principalmente ao nível da família.

Pena, portanto, que a contradição esteja ausente deste texto, onde foi substituída pelo tom militante e categórico. Pena também que a má qualidade da tradução tenha prejudicado ainda mais sua leitura.

Cristina Bruschini



## ESSE MALDITO DALTON



Essas malditas mulheres, Dalton Trevisan, Record, Rio de Janeiro, 1982.

Certa vez, quando entrevistado, Dalton Trevisan afirmou: "Só a obra interessa, o autor não vale a personagem. O conto é sempre melhor que o contista."

Assim, tendo nos ouvidos o eco desta afirmação e seguindo pela trilha do pensamento bartheleiano, interpretamos que muitas vezes o escritor, como o fotógrafo, fixa em prata seu imaginário, como num papel fotográfico, fazendo surgir um instantâneo, um retrato, uma caricatura do real. Tem-se assim a liberdade de pensar a escritura tal qual comparada a um gesto de quem empreende alguma coisa, ou alguém pelo ofício da objetiva.

Dalton Trevisan, um dos melhores contistas brasileiros da atualidade, autor de *Essas malditas mulheres*, é o responsável por mais um punhado de urdiduras que fixam em instantâneos: os álbis, as armadilhas, a lâbia, o jogo da caça e do caçador na guerra entre os sexos.

O texto não possui a coerência a que nos habituamos — de começo, meio e fim — e seu mérito maior é a busca de uma linguagem próxima do coloquial. Buscando flagrar o cotidiano, Trevisan redi-

me na personagem Maria a presença desta nova mulher que emerge como um ser pensante. Que, observando o que está ao seu redor, tateia soluções para sua sobrevivência, lançando-se fora do paternalismo lúbrico de João, seu amante.

O pragmatismo e a insensibilidade masculina são com muita propriedade estigmatizados pelo autor no personagem João. Este, acostumado à subserviência feminina, adquirida na longa prática da "cultura das prendas domésticas", vê-se ameaçado no exercício de suas conquistas imediatistas, aquelas que logram o prazer às custas de pequenas chantagens.

Se Maria ameaça esta hegemonia, é porque, sendo o paradigma da mulher que esteve à mercê, simples objeto sexual, se desvela na nova mulher, aquela que interage no social, que anseia, que pensa.

Essas malditas mulheres reafirma Dalton Trevisan como um dos escritores feministas por excelência, por recuperar a intimidade pessoal da mulher dentro da escritura.

Sandra Lapeiz



As duas histórias de Paulo Francis — "Mimi vai à guerra" e "Clara, Clarimunda" —, reunidas neste volume, sob um título que certamente várias mulheres de minha geração invejaram, são um competente e minucioso mapeamento do cotidiano de duas mulheres brasileiras entre os 30 e os 40 anos. Parece até uma análise antropológica detalhada de dois percursos possíveis de moças de "boa família" nas décadas de 50 e 60 neste país: não será por acaso que as duas personagens principais se cruzam numa calçada de praia na segunda história.

"Ninguém canta as glórias das 'pistoleiras' de alto coturno, as Billy the Kid de saias, que, ao menos no plano pessoal, contestam a opressão masculina que é a constante na sociedade." Isso Paulo Francis observa em *O afeto que se encerra* e essas glórias, e as desgraças que as acompanharam, ele as esmiúça na história de Mimi. É uma fábula exemplar do processo de iniciação de uma menina carioca na profissão de "pistoleira", circulando ingenuamente no mundo masculino (e feminino) das finanças e da política de alto coturno; o mesmo mundo no qual se ingenuidade nenhuma, Clara circula a contragosto. Num texto em que ecoam desde o tom meloso das novelas de rádio (que alimen-

Filhas do segundo sexo, Paulo Francis, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1982.

tavam as ilusões de Mimi) até as mais sofisticadas análises políticas (pano de fundo da visão 'crítica' de Clara) estão presentes quase todos os dilemas da relação homem-mulher no Brasil urbano dos últimos anos.

Uma relação quase irritante de cumplicidade entre quem lê e quem escreve, fazendo-nos deplorar, juntos, a "ignorância" de Mimi, é substituída, na segunda história, por uma exposição quase didática das nossas próprias confusões. Se sorrimos "sabidas" porque identificamos várias referências implícitas na fala de Mimi (como aquela à revista *Cláudia* e "ao artigo de uma maluça que aconselhava às mulheres que se tornassem independentes"), ou na dos que a cercam, sorrimos meio desenxabidas com a precisão com que são transformadas em matéria ficcional situações que conhecemos tão de perto. A resolução da história de Mimi, num final que tem a força dos socos dos personagens masculinos de outras histórias de Paulo Francis, talvez por implausível, parece muito mais atraente do que a da história de Clara, afinal de contas muito mais plausível. Mas isto não tem muita importância. O rico inventário de detalhes só aparentemente fúteis — a mão na bunda, o discurso dos analistas, o jornal lido numa seção de felatio, as conversas entre as mulheres, as citações cinematográficas e políticas — fazem deste livro um belo resumo literário de tanta coisa dita (e não dita) entre as mulheres de nossa época. Impensável, naturalmente, mas pensado como tudo que é impensável. "E quase tão subversivo como os primeiros anos do movimento feminista."

Mariza Corrêa



### SEXUALIDADE

Está sendo lançado em janeiro no Rio e em São Paulo o livro *Sexualidade da Mulher Brasileira*

— *Corpo e Classe Social no Brasil*, de Rose Marie Muraro, editado pela Editora Vozes. O livro é o resultado de uma pesquisa realizada pela autora em Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro sobre sexualidade e classe social. Com ela trabalharam várias equipes engajadas em movimentos de mulheres e professores universitários que colocaram seu saber a serviço dos movimentos sociais.

### EXÍLIO

*Travessia*, o romance do exílio brasileiro, de Carmen

Fischer, recebeu elogiosa crítica de Marcos Faerman (*Lela Livros*). Uma história de amor em que, através de Lisa, a autora "consegue nos colocar em todo esse mundo do exílio, exilados, militantes, amigos eventuais e amores quase impossíveis, sem nenhum discurso, sem ideologismo". O livro foi editado pela Record.

### LUTA ARMADA

Primeiro romance escrito por mulher sobre a luta armada no Brasil, *A Revolta das Visceras*, de Mariluce Moura, recompõe, através de Clara, "sua personagem", o desespero, a derrota, as emoções e paixões dos homens e das mulheres que no final dos anos 60 pegaram em armas para lutar contra a ditadura. *A Revolta das Visceras* é da Editora Codecri e custa 700 cruzeiros.

### EDUCAÇÃO

A Editora Global acaba de lançar *A Educação da Mulher no Brasil*, de Fúlvio Rosemberg,

Regina P. Pinto e Esmeralda V. Negrão. O livro analisa a situação educacional da mulher brasileira na última década, e tem capítulos sobre alfabetização, escolaridade da população brasileira, escolaridade formal e creches e pré-escola. Ele resulta de um estudo patrocinado pela UNICEF e realizado na Fundação Carlos Chagas.

### ROSA DE LUXEMBURGO

*Camarada Amante* foi o título que a Editora Paz e Terra escolheu para a coletânea de cartas de amor escritas por Rosa de Luxemburgo a seu companheiro Leo Jogiches.

### CRECHE

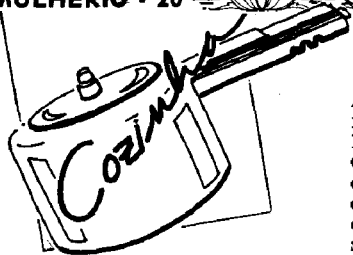
No mês de setembro de 1981 foi realizado no Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, São Paulo, um Encontro Nacional de Creches. Durante três dias, 42 participantes, provenientes de diferentes Estados, representando as mais diversas instituições e formas de atuação,

se propuseram a expor, discutir e refletir sobre suas experiências relativas à educação, guarda e proteção de crianças pequenas. Os depoimentos e debates que ocorreram durante o Encontro deram origem a um folheto intitulado *Creche*, publicado como Suplemento Especial dos *Cadernos de Pesquisa*. O folheto custa 300 cruzeiros e está à venda na Fundação (Av. Prof. Francisco Morato, 1565, CEP 05513, São Paulo, SP, fone 211.4511).

### PROSA/POESIA

Ana Cristina Cesar acabou de publicar pela Brasiliense o livro *A teus pés*. As vezes prosa, às vezes poesia, muitas vezes uma fina ironia, como "NESTAS CIRCUNSTÂNCIAS O BEIJA-FLOR VEM SEMPRE AOS MILHARES. Este é o quarto Augusto. Avisou que vinha. Lavei os sovacos e os pezinhos. Preparei o chá. Caso ele cheirasse... Ai que enjô me dá o açúcar do desejo."





*Imprensa*

**Rompendo o círculo**

Entre as iniciativas para romper a invisibilidade ou o preconceito com que a mulher é tratada nos meios de comunicação, uma das que tem dado melhor resultado é a OIM — Oficina Informativa da Mulher —, um serviço de distribuição de artigos sobre mulher através da rede internacional de assinantes da agência de notícias IPS (Inter Press Service).

A rede nasceu em maio de 1978, como resultado de um acordo entre a IPS e a Unesco para produção e distribuição de artigos jornalísticos que encarem, de um ponto de vista feminino, os problemas mais agudos deste universo marginalizado. Em agosto de 82, a Unesco decidiu interromper sua contribuição financeira ao projeto, e desde então ele é mantido somente pela IPS.

Júlia Constenla, atual coordenadora da OIM, que tem sede em Roma, nos escreve dizendo que "manter um serviço criado em determinadas condições econômicas quando estas se modificam de maneira substancial é, neste momento, minha tarefa, e não é fácil".

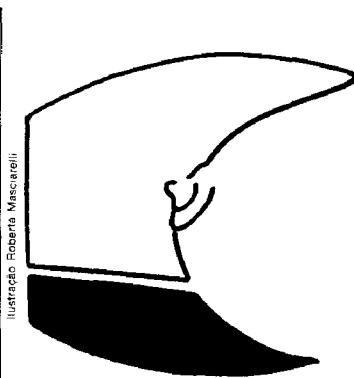
"No entanto" — prossegue — "a convicção de que a OIM cobre um espaço importante, de que a expectativa de encontrar um canal de difusão para a questão feminina deve ser defendida em todos os terrenos e a esperança de que outros organismos economicamente mais sólidos possam cooperar com o crescimento da rede me levam a aceitar o desafio de seguir com a OIM a qualquer custo."

A sede da OIM fica no escritório central da IPS: via Panisperna 207, Roma, Itália, fone 474-2973. No Brasil, quem quiser assinar o serviço deve dirigir-se à sucursal do Rio de Janeiro: Rua Evaristo da Veiga, 16/1007, fone 262-9429, CEP 20031, Rio de Janeiro. A rede distribui ótimo material jornalístico enviado por correspondentes nas principais capitais do mundo.

**O bom leite da mamãe**

Ao som da música "Mulher, sexo frágil", ao lado da mulher Narinha, e dos filhos, Erasmo Carlos, o protótipo do "machão", confessa ter sentido ciúmes da esposa quando ela amamentou e diz: "Não é fácil para a mulher segurar a barra da casa e ainda amamentar, mas valeu a pena, por causa da saúde dos meninos". No jardim de sua casa, terminando de amamentar o filho Pedrinho, a atriz Lucélia Santos afirma: "Eu também tô amamentando. Não abro mão disso, como mãe, como mulher. Aliás, eu queria fazer um pedido a você patroa, para você chefe de pessoal, você empresário. Ajudem as mães que trabalham. Facilitem os horários para amamentar. Os nossos bebês agradecem".

Veiculados no horário nobre da televisão, anúncios como esses — ao lado de outros com Sócrates, Marília Gabriela ou com a mãe de Pelé (este ainda não entrou no ar) — fazem parte da nova fase do Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno, promovido pelo Ministério da Saúde com o apoio da UNICEF desde 81.



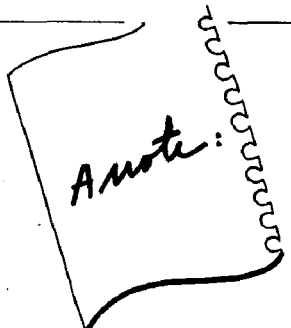
O uso da televisão, feito durante 45 dias do ano passado com um tipo de mensagem criticada (pois levava as mães a se sentir culpadas por não conseguirem amamentar), desta vez mudou. Agora, as dificuldades que as mães enfrentam ao amamentar são mencionadas, e a mulher é levada em consideração.

Outra atividade recente do Programa tem sido o incentivo ou

criação de "grupos de mães" que visam o aleitamento. Uma experiência muito rica é a de um grupo do Rio, relatada no Festival Internacional de Mulheres nas Artes. Suas características são muito interessantes: ausência de paternalismo, espontaneidade, preservação do conhecimento da mãe como fundamental na prática do aleitamento, não interferência médica.

Márcia Correia Silva, uma de duas integrantes, relatou no Festival que o grupo gostaria de contar com ajuda financeira para conseguir documentar sua experiência, para divulgá-la e incentivar a formação de novos núcleos; mas insiste em manter sua autonomia e não obedecer a tutelas.

Esperamos que o Programa Nacional, que no caso da propaganda na TV soube acatar as críticas e reformulá-la, saiba respeitar a existência de grupos de mães como esse do Rio, sem deixá-los de fora, mas sem tentar institucionalizá-los para que se preservem suas características. **Marina Réa**



**AS PUBLICAÇÕES DO NEM**

Não basta ir às livrarias para ficar por dentro do que anda sendo publicado sobre mulher. Há também as edições restritas, como as do Núcleo de Estudos sobre a Mulher (NEM), do Rio. Até agora, o NEM já editou cinco publicações:

— **A dona de casa — Crítica política da economia doméstica.** Examina o verdadeiro significado social do trabalho da dona-de-casa. De Maria Angeles Duran, socióloga e professora da Universidade de Madri. Cr\$ 400,00.

— **Perspectiva e tendências do feminismo.** Conferências de Joelle Juillard, coordenadora do Programa de Estudos sobre o homem e a mulher na Sociedade, na Universidade de Califórnia do Sul. Cr\$ 200,00.

— **Aspectos psicológicos da condição feminina.** Psicólogas argentinas fazem uma reavaliação crítica de concepção sobre a

identidade, a sexualidade feminina e a maternidade. Organizado por Tereza Creuza Negreiros.

— **A metodologia de estudos sobre a mulher.** Discute a especificidade da pesquisa feminista, a relação entre teoria, prática e ação social. Organizada por Wanda Maria de Lemos Capeller. Cr\$ 400,00.

— **A mulher como objeto de estudo.** Coleção de trabalhos debatidos no grupo "Mulher e Política" na V Reunião Anual da ANPOCS. Cr\$ 800,00.

Os pedidos de qualquer uma dessas publicações podem ser encaminhados ao NEM. Rua Marquês de São Vicente, 225, PUC/RJ, Casa XIX, Gávea, Rio de Janeiro, CEP 22453.

**PERSONA** — É bem conhecida a dificuldade de manutenção de publicações feministas independentes, sem vinculação partidária, ou institucional. Por isso mesmo, convém assinalar a existência na Argentina da revista **Persona**, dirigida pela escritora Maria Elena Oddone, que se identifica simplesmente como revista feminista. Apesar de todas as dificuldades que a organização autônoma das mulheres tem encontrado nos últimos anos no país vizinho, **Persona** sai trimestralmente, sempre com artigos interessantes na linha de reflexão, tanto originais como traduzidos. O nº de maio-junho-julho de 1982 foi inteiramente dedicado à questão

da guerra das Malvinas, ficando clara a posição das feministas argentinas de oposição à guerra. Ao contrário de outros setores sociais, elas não se deixaram enganar pelo aparente aspecto "patriótico" que o governo procurou dar à empreitada. Obviamente, a Inglaterra (governada por uma mulher) também não foi poupada, mas sem chovinismos. O endereço de **Persona** é Peña 2214, Planta Borja-B. Buenos Aires. **Maria Carneiro da Cunha**

**DONES EN LLUITA** — Esta é uma ótima revista das mulheres de Barcelona, do ponto de vista gráfico e editorial. A cada número, algumas seções fixas, extremamente interessantes, como: o que fizemos e o que faremos (balanço das atividades das mulheres), tribuna de debates (discutindo sempre amplamente um tema determinado, como por exemplo a maternidade, a mãe solteira, etc), arte, e as esquecidas da história. Nesta última sessão, com base em textos biográficos/ilustrados/por quadrinhos, conta-se a vida das mulheres dos "grandes homens" da nossa história, seus sofrimentos, lutas, angústias nunca lembrados.

Sem dúvida, uma publicação que revela o vigor e a qualidade da produção feminista espanhola. Vale a pena conhecer. Endereço: **Dones en Lluita**, c/Cervantes 2, ppal, Barcelona 2, Espanha. **Helena Salem**

## Estudando as vítimas

Analisar a violência cotidiana, exercida sobretudo dentro da família (filhos que apanham, adolescentes violadas pelo pai ou pelo irmão maior, esposas castigadas pelo marido, violência sobre os velhos), mas sob o ponto de vista da vítima — este foi o objetivo de um recente seminário realizado na cidade italiana de Siracusa, na Sicília.

A vitimologia é uma ciência surgida há apenas 50 anos dentro da criminologia e busca estudar as características sociais e psicológicas da vítima, a parte menos levada em conta na hora de analisar um delito.

Uma das exposições mais interessantes foi feita pela advogada e psicóloga Luisella de Cataldo Neuburger, do Centro de Psicologia Jurídica da Universidade de Milão.

Mostrando que em todos os países a maioria dos casos de violência dentro da família não são denunciados à Polícia, a não ser em caso de morte, ela disse: "A família tem um valor sagrado que não pode ser posto em discussão. Denunciar os golpes, denunciar o estupro significa pôr em discussão a sacralidade, significa contaminar a segurança que cremos ter no amparo da instituição familiar."

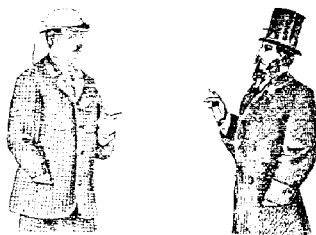
"Que mãe adverte sua filha adolescente de que inclusive uma pessoa próxima e querida pode cometer atos de violência contra ela?" — perguntou a advogada. "Nenhuma, porque fazê-lo é romper as regras do jogo. Quando a violência se produz dentro da família, a vítima está só, e falhou um dos pilares da instituição: o da assistência mútua."

### O código da minissaia

Luisella de Cataldo apontou também a necessidade de decodificar as mensagens que vítima e agressor intercambiam e que são produto de "subentendidos" sociais. E deu um exemplo:

"Quantas vezes escutamos que a violação de uma mulher que pede carona de minissaia ocorre porque ela 'provocou'? Quantas vezes ouvimos essa frase nos tribunais? A mulher-vítima sai como mulher-culpada por haver 'provocado' a agressão com sua conduta, com seu modo de vestir ou por ter-se 'atrevido' a caminhar sozinha num parque, por exemplo, de madrugada."

Segundo a psicóloga, "esta é uma aparente relação linear entre agressor e vítima. O problema é entender o motivo psicológico, o condicionamento cultural que leva o motorista a decodificar a minissaia como uma provocação". (Serviço OIM-IPS)



### Negócio entre homens

Jacob, aquele apaixonado pastor que serviu 7 anos a Labão, pai de Raquel, serena bela" tinha uma filha, Dina. "Viu-a Siquém e, levando-a, dormiu com ela e a violentou". O pai de Siquém disse a Jacob: "Faz um pacto conosco; dai-nos vossas filhas e tomais as nossas". Por manhas e patranhas, os irmãos de Dina conseguem matar Siquém e todos os homens daquele povo. (GEN. 34.1-31 - Extraído de Lua, publicação trimestral, Rua Felipe da Mata, 115-A, 1600 Lisboa).

### Coisas da China

Mulher não serve mesmo para nada, então é melhor matar. Parece piada de mau gosto, mas não é. Na China, a rígida política de controle da natalidade impõe um só filho aos casais urbanos e dois no campo. Resultado: como os casais acham que o homem é superior à mulher, por ser mais apto ao trabalho braçal e preservar o nome da família, muitos matam o primeiro bebê, se for menina.

Um informe oficial publicado em novembro em **Notícias da Juventude da China** diz que cartas vindas de todo o país relatam o abandono de bebês meninas nas ruas e muitos casos de afogamento. Em dezembro, o premiê chinês Zhao Ziyang defendeu a adoção de medidas severas contra os camponeses que matam as filhas. Num discurso, o premiê disse que "a sociedade como um todo deveria condenar resolutamente a prática criminosa do infanticídio feminino".

### Pressões provocam mudanças na ONU

As propostas das feministas contra a escassa presença da mulher nos altos cargos da ONU deram resultados relativos: em junho de 81, 4,3% dos assistentes do Secretariado Geral da Organização eram mulheres. Um ano depois, a porcentagem elevou-se para 7,8%.

Um relatório publicado em novembro passado indica que o secretário-geral Perez de Cuellar está disposto a tomar vigorosas medidas para absorver maior número de mulheres em quadros de nível superior.

No ano passado, cerca de 1500 mulheres empregadas na ONU foram trabalhar vestidas de preto, como forma de protesto contra o que chamaram de permanente discriminação contra a mulher neste foro mundial. (Serviço OIM-IPS).

## Várias

### Pagu, redescoberta

A escritora, desenhista, poeta, jornalista, musa antropofágica e incansável militante política Patrícia Galvão, a Pagu, morta em 62, está sendo redescoberta. Primeiro, através do livro *Pagu, Vida e Obra*, de Augusto de Campos; depois, através do curta-metragem *Eh Pagu, Eh!*, do cineasta Ivo Branco, lançado em novembro em São Paulo. Ivo restringe-se a três momentos da vida de Pagu para contar sua história: a época da "Revista de Antropofagia"; prisão e tortura, o rompimento com PCB. O filme tem 20 minutos e a atriz Edith Siqueira está no papel principal.

### A prostituição, um mal?

Centenas de prostitutas realizaram no dia 2 de novembro uma manifestação em frente ao palácio do governo do estado de Jalisco, em Guadalajara, México, para protestar contra a promulgação de uma lei que proíbe o exercício de sua profissão. "A prostituição não é um mal, é uma necessidade social", diziam alguns cartazes.

### As eleições do lado de lá

Apesar da intensa campanha eleitoral realizada por uma coligação de grupos feministas nacionais, as mulheres

norte-americanas não obtiveram muito sucesso nas eleições realizadas em novembro.

Nenhuma das 11 candidatas a governos estaduais conseguiu se eleger. As duas mulheres que disputaram vagas no Senado, onde 33 estavam em jogo, também não foram eleitas. Assim, a composição atual do Senado é de 98 homens para duas mulheres.

Nos EUA, o número de eleitoras supera o de eleitores há mais de uma década.

### Metade

Cinquenta por cento da oferta de mão-de-obra na Itália é feminina, diz um relatório recém-publicado em Roma pelo Instituto para o Desenvolvimento da Formação Profissional dos Trabalhadores.

### Aumentando a oferta de empregos

O número de setembro/outubro do periódico *Choisir* (102, R. St Dominique 75007 Paris, França) dedica seu dossiê do mês à guarda de crianças de 0 a 2 anos. A proposta novidadeira do *Choisir* é a de "educação conjunta em tempo parcial, alternada entre o pai e a mãe remunerada". Tanto a mãe quanto o pai continuariam em seus empregos trabalhando metade das horas habituais e recebendo salário equivalente. A complementação salarial viria do fundo desemprego, pois "o trabalho é

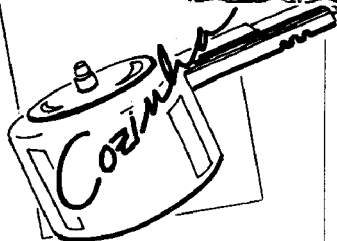
bastante raro para quem procura". E a "educação conjunta alternada" estaria liberando dois empregos em tempo parcial correspondente aos dois períodos de ambos os pais liberados para a educação dos filhos pequenos.

### Guerra e paz

A Associação para a Defesa dos Direitos da Mulher no Irã (A.D.F.I.) conchama todos os amantes da liberdade a pressionar a comunidade internacional para que se encontre um fim definitivo para a guerra entre Irã e Iraque. Escreva a A.D.F.I. (BP - 8 - 78750 Mareil Marly, França) condenando a guerra e aderindo ao comitê pela paz irano-iraquiana.

### Fazendo amor

O filme *Making Love* vem recebendo crítica de apoio de todos os especialistas nos EUA e foi liberado sem cortes pelo Conselho Federal de Censura no Brasil. Ele conta a história de um jovem médico que resolveu abandonar a esposa para viver com outro homem. Sem caricaturas, com dignidade, embora talvez um pouco sofisticado demais para nossa realidade de subdesenvolvimento. No elenco, Harry Hamlin (marido de Ursula Andrews), Kate Jackson e Michael Ont Kean. Não percam! E façam propaganda sobretudo entre aqueles que pensam que homossexual é sinônimo de Paimão e do misógono Capitão Gay. (Extraído do Boletim do G.G.B. de dezembro de 1982).



## Os persuasivos e as sabichonas

Os valores da sala-de-aula repetem os da sociedade mais ampla e é ingenuidade crer que a escola mista é justa e não discriminativa. Está aí *Invisible Women: The schooling Scandal* de Dale Spender que não nos deixa mentir.

Esse estudo, publicado recentemente em Londres e comentado pela revista *Spare Rib*, desmistifica o mito da escola mista imparcial. Ali também a autoridade masculina se impõe agressiva e coibidora: o comportamento dos alunos homens não admite que o professor trate de assuntos que interessem particularmente às meninas, que dedique mais que um terço do seu tempo às alunas, ouça-as e as estimule a participar. Os números são eloquentes: para cada quatro alunos participantes, apenas um é mulher e para cada três solicitados pelo professor, apenas um é menina.

Problemas das moças que são tapadas e burras? Não. Professor e

alunas, ambos, recebem tratamento igualmente punitivo: o primeiro quando solicita participação feminina ou trata de assuntos que lhes interessem, e as segundas quando se sobressaem. Os alunos queixam-se então, e, se nada obtêm, partem para métodos mais "persuasivos": tornam-se indisciplinados e ridicularizam as "sabichonas". E conseguem o que querem: os professores passam a dedicar-lhes ainda mais tempo, no afã de pôr ordem à classe, e as meninas se calam, ante a hostilidade da audiência.

Contra essa estratégia masculina, que, infelizmente, não é exclusiva dos londrinos, uma feminina: que a mulher desenvolva, dentro de sua própria perspectiva, conhecimentos que se oponham aos mitos fabricados pelos homens (as idéias femininas são desinteressantes, suas colocações não têm valor). Fundamental, pois, é a consciência da dominação masculina e seu questionamento até que se esboquem os alicerces sobre os quais se estrutura a estratégia dessa autoridade.

Silvia Franco

## Spray neles!

As norte-americanas estão intensificando e aprimorando suas formas de luta contra a violência sexual. Em São Francisco, as mulheres estão se organizando por bairros e em muitos deles é comum ver um aviso pregado nas portas das casas e lojas: "Este bairro está organizado contra o estupro." Muitas delas só saem de casa com apitos, imediatamente acionados em caso de perigo. Mulheres de classe média estão tomando aulas de karatê, judô e skindô.

Mas a arma mais comum e mais usada recentemente é o *maci*, um gás em spray que custa menos de 10 dólares em qualquer farmácia. O spray é pendurado no chaveiro e, quando atirado no rosto de alguém, provoca cegueira por minutos e faz a pessoa chorar. E o mesmo gás de ruia utilizado pela polícia brasileira para dissolver manifestações.

A resistência aos ataques sexuais é estimulada por organizações como *Women's Against Rape* (Mulheres contra Estupro), criada em 1978, que dá assistência psicológica e jurídica à mulher estuprada. A organização mantém serviço de ajuda em inglês, espanhol e até em chinês, por telefone, 24 horas por dia. A administração Reagan cortou as subvenções financeiras a entidades deste tipo, e elas sobrevivem mesmo é com trabalho voluntário das mulheres.

Ilma Ribeiro

## Liberdade é comprar tempero pronto

*Cena de cotidiano:*  
"Vocês, mulheres, que estudam muito, podem ser muito inteligentes, ter respostas para muita coisa, solução para muito problema, mas não sabem lidar com homem. Tanto assim que não sabem conservar o casamento. Geralmente mulher que estuda muito acaba desquitando, porque esquece o mais simples, quer discutir por tudo, ter razão sempre. Com homem não pode ser assim."

Outro dia o meu marido (que você sabe, nunca fez caso de dinheiro, nunca somou o que se gasta aqui em casa, é um mão aberta), viu as compras que tinham acabado de chegar do supermercado e ficou escandalizado com o preço do quilô do alho. Ai aprontou o maior barulho. Disse que era um absurdo pagar aquilo tudo por alho, que afinal é uma planta à toa, que se pode plantar no fundo do quintal, e decretou: "De hoje em diante não se come mais alho nesta casa". E eu concordei com ele, muito embora eu nem tivesse pago aquilo tudo que estava marcado. Afinal, ninguém compra um quilô de alho de uma vez, era só um pacotinho.

Mas eu nem perdi tempo explicando isso para ele. Com a raiva que ele estava, ele nem ia me ouvir mesmo. Então falei: "Está bem, querido, se você quer assim não se come mais alho aqui nesta casa".

Se fossem vocês, teriam feito um escândalo. Iriam brigar, discutir, no mínimo triam dizer que o *utisque* que ele toma é muito mais caro do que o alho; seriam capazes até de querer que ele cortasse a bebida também. Pois eu não, virei para a empregada e mandei que ela fosse ao supermercado e devolvesse o pacotinho de alho.

Quando ela passou perto de mim, eu falei bem, baixinho, só para ela: "Aproveita e traz um vidro de tempero Arisco". Não briguei, não desautorizei meu marido em frente da empregada, e continuei temperando a comida do jeito que eu gosto."

(Depoimento de uma dona-casa de elite do interior de Minas Gerais, colhido por Alice Inês de Oliveira e Silva no projeto de pesquisa "A construção social das mulheres de prendas domésticas").



# Biu!

Você encontra Mulherio nas seguintes livrarias:

- SÃO PAULO**  
**Belas Artes** — Av. Paulista, 2448  
**Brasiliense** — Rua Barão de Itapetininga, 99  
**Capitu** — Rua Pinheiros, 339  
**Carlitos** — Rua Gabriel Monteiro da Silva, 1374  
**Cortez** — Rua Bartira, 387  
**Cultura** — Av. Paulista, 2073 — Conj. Nacional  
**Manduri** — Rua da Consolação, 265  
**Vozes** — Rua Haddock Lobo, 360  
**Zapata** — Rua Dr. Cesário Mota Jr., 285
- RIO DE JANEIRO**  
**Eu e Você** — Rua Constante Ramos, 23B  
**Dazibao** — Rua Visconde de Pirajá, 595 — Loja 112  
**Simões** — Av. Alberto Braune, 55 — Nova Friburgo
- PORTO ALEGRE**  
**Espaço** — Rua Annes Dias, 166 — Edifício do IAB.



Não espere mais encontrar-se com alguém do Mulherio para fazer ou renovar sua assinatura. Preencha este cupom e mande pelo Correio: é rápido, é seguro. Não esqueça de cruzar o cheque, nominal à Fundação Carlos Chagas.

Desejo fazer uma assinatura anual (6 números) de **MULHERIO**, dos n° \_\_\_ a \_\_\_  
 Para isso estou enviado um Cheque Nominal no Valor de Cr\$

**750,** (Cr\$ 1.200,00 para o exterior)

Em nome da **FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS**  
 Redação do **MULHERIO** — Av. Prof. Francisco Morato, 1565 — 05513 SP, fone 211-4511.

NOME \_\_\_\_\_  
 ENDEREÇO \_\_\_\_\_ PROFISSÃO \_\_\_\_\_  
 BAIRRO \_\_\_\_\_ CX. FPOSTAL \_\_\_\_\_ TEL. \_\_\_\_\_  
 CEP \_\_\_\_\_ CIDADE \_\_\_\_\_ ESTADO \_\_\_\_\_

## A Estrela me ensinou mais que os analistas

Neste Natal minha filha ganhou duas bonecas. Aceito: sou daquelas feministas retrógradas que não se importam que as meninas também brinquem com bonecas.

Minha filha gosta, se projeta nas meninas, não tenho jeito pra reprimir tais desejos infantis. Fraqueza? Tanto faz.

Mas, desta vez, algo me grilou. Chegando em casa, botei todo mundo nu; levantei saias e tirei calcinhas. De bonecos e bonecas. Daí percebi que os bonecos têm genitália externa, rica em pormenores; e que muitas bonecas, a maioria, ou não têm xoxota de uma vez, ou apenas um simulacro, dois reguinhos, próximos à virilha.

Mas não parei aí. Olhei com atenção as Suzys e as Barbies (aquelas bonecas adultas em miniatura): olhar sexy, cabelos compridos, pernas longuíssimas, seios em péra, pés modelados para calçarem sapatos altos. Cadê a xoxota? Neça! Nem imitação! A situação foi ficando cada vez mais escabrosa à medida em que a descoberta me enraivecia. Lembrei-me dos Falcons, aqueles bonecos adultos em miniatura, com cara de "mariner": olhos de

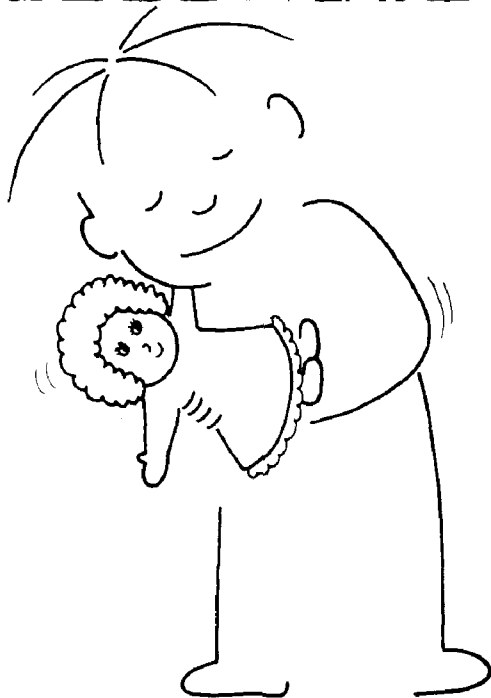


Ilustração Frato

águia, cabelo escovinha, barba, bigode, cicatriz no rosto, pernas e braços musculosos e... incorporado ao corpo do machão, de plástico e no próprio plástico, um maiô azul modelando perceptivelmente seus órgãos viris.

Sem elocubrações, como uma

revelação absolutamente clara e coerente, compreendi tudo aquilo que nenhum (a) analista até hoje tinha conseguido me transmitir sobre o complexo de castração das meninas. Af, hein, dr. Freud, dando uma de voyeurista nos bonecos da filhinha! Fúlvia Rosenberg

## O be-a-bá da discriminação

É sempre instrutivo refletir sobre a força do condicionamento que sofremos, para nos ajustarmos o mais adequadamente possível aos papéis sexuais que a sociedade nos impõe. Por exemplo, a linguagem, tanto a cotidiana quanto a culta, vem sendo usada como uma forma de condicionamento velado que vai nos orientando, pouco a pouco mas com o peso de uma armadura, a restringirmos o espaço físico que ocupamos, os sentimentos que expressamos, nossa criatividade e combatividade. Apontar e desarticular estes mecanismos da linguagem entre crianças e adolescentes foi tema de pesquisas recentes na Espanha e relatadas pela Oficina Informativa Mulher (OIM/IPS). Numa delas, publicada pelo Conselho da Europa, a pesquisadora espanhola Yolanda Rebello afirma que, de modo geral, não tem sido permitido às meninas chamar, pelos nomes habituais nem os seus próprios genitais nem os masculinos, nem a nada que se relacione com a sexualidade. Esta linguagem, na

medida em que se circunscreve à esfera da vida privada e afetiva, fica submetida aos tabus que proíbem o uso de gíria e palavras para as meninas. A forma de se educar nas meninas, de um modo geral nas sociedades ocidentais, inclui, entre outros tabus, que sua linguagem deve ser adequada a "uma senhorita", o que significa não usar palavras ou palavras de "baixo calão". Daí, a linguagem das mulheres se caracterizar por matizes e sutilezas.

### Adolescentes

A lingüista italiana Caterine Morrone, professora de Filosofia da Linguagem, realizou em Madri uma pesquisa sobre a linguagem escrita de adolescentes de 11 a 12 anos, de ambos os sexos e pertencentes a diferentes classes sociais. A pesquisadora pediu aos adolescentes que falassem sobre seus amigos. Os trabalhos escritos por meninas apresentaram uma grande correção ortográfica, morfológica e sintática, mas seu conteúdo não denotava vitalidade ou vivacidade. Apesar dos meninos

escreverem de forma mais desordenada que as meninas, em seus relatos aparecem experiências concretas com seus amigos. As meninas, ao contrário, evitam o tema e se limitam a qualificar e a enumerar situações sem lhes acrescentar conteúdo afetivo. A pesquisa revela, também, que enquanto os rapazes incorporam em suas redações a linguagem cotidiana e de rua, as meninas se limitam a empregar palavras permitidas pelos adultos.

### Os adjetivos

No Brasil, Zoya Dias Ribeiro da Universidade do Ceará analisou, entre outros aspectos, os adjetivos que qualificam personagens masculinos e femininos nos livros de leitura usados na Escola primária. De acordo com a lista obtida, o perfil masculino seria: alegre/bom/corajoso/esperto/forte/inteligente/levado; o feminino seria: alegre/amiga/assustada/boa/boinha/chorona/medrosa. Sem comentários!

## Várias

Atenção, mestre Houaiss... e outros

A fim de granjear tão portentoso título, se faz mister que os novos ou novíssimos dicionários de língua pátria diligenciem revisão daqueles verbetes que se consubstanciam em vitupério à mulher hodierna.

A sinonímia vetusta imputada à palavra CRECHE pode ser apontada como um destes verbetes propulsores de efeitos deletérios, tal como aparece no Dicionário Escolar da Língua Portuguesa (MEC/FENAME; 8ª edição revista e atualizada, 1973, coordenada por Francisco da Silva Bueno).

"Creche: Asilo para crianças pobres; estabelecimento que recebe as crianças cujas mães não podem cuidar delas; local da maternidade onde as crianças permanecem nos primeiros dias após o nascimento."

O Novíssimo Dicionário Mulherio propõe: "Crèche: local adequado para a educação, guarda e proteção da criança com menos de sete anos; extensão do direito universal à educação para crianças de 0 a seis anos".

### Antigo e novo

Belíssimo o Calendário 1983 publicado pelo CIM: nostálgicas fotos amareladas de mulheres antigas. Mas 1983 transparece através da legenda sutil: por ela sabemos que Maria com margaridas no cabelo é mãe de Rosa; que Marília com a imagem do Cristo Redentor é mãe de Soninha. E todas elas, mães de mulheres. O calendário custa mil cruzeiros. Endereço do CIM (Centro de Informação Mulher): R. Dr. Cesário Mota Jr., 285, CEP 01221, São Paulo, SP.

### Correspondência aberta

A revista de literatura e arte *Third Woman*, editada nos Estados Unidos, escreveu a *Mulherio* pedindo colaborações de brasileiras nos campos de poesia, ensaio, ficção, drama, resenhas de livros, crítica literária e arte em geral. A revista é semestral, editada em espanhol e inglês, e enfoca o trabalho criativo da mulher latina nos Estados Unidos e a mulher do Terceiro Mundo em geral. Se você quiser colaborar, escreva para Luz Mestas-Núñez, *Third Woman* Press, c/o Chicano-Ruqueño Studies, Ballantine Hall 849, Indiana University, Blomington, IN 47405.

### Concurso em Minas

A Sociedade Amigas da Cultura, de Belo Horizonte, lançou o concurso de monografia "Minas Mulher", que dará um prêmio de 500 mil cruzeiros ao melhor trabalho de pesquisa sobre uma personalidade feminina mineira, histórica ou contemporânea.

O concurso é aberto a qualquer pessoa, residente ou não em Minas. Os trabalhos podem ser enviados de 1º de janeiro até 20 de maio para a sede da Sociedade, à avenida Prudente de Moraes, 621, sala 803, Belo Horizonte.

# Genetrix

A princípio era o Ventre.  
O seio do escuro  
amamentava o mundo  
e as trevas concebiam  
o dia pré-maduro.  
Então se deu à Luz.

E o mar foi embrião de peixes,  
o ar, germe de pássaros.  
A terra, em gestação diversa,  
fecundou-se em flor e fruto, réptil e fera.  
Na gravidação do espaço,  
o Sol:

óvulo em brasa.  
Do chão

rompeu a erupção da água.  
A terra molhada  
configurou seu molde à imagem:  
(montes, crateras, picos, vales,  
vegetação rasteira e alta,  
rios correndo em fundos veios,  
cavas e sinuosidades).  
Pelos poros e fendas,  
o vento insuflava  
a pulsação da carne.  
E o sol secava  
o suor fêmeo  
do barro.

ELA:  
um animal de lisa pele  
sem escamas nem penas  
mas com mãos e pernas.  
Entre pés e testa,  
o tronco fértil  
frutificando coxas,  
nalgas,  
seios.

No meio,  
a floresta espessa,  
de encoberta caverna  
onde esperava  
a fera.

Céu aberto: o teto.  
Soalho: o chão terrestre.  
Quatro ventos arquitetos  
de paredes e alicerces.

A casa (o universo).  
Um pequeno vulcão  
no meio da clareira.

À volta dela  
os animais domésticos  
se aquecem  
e ELA

adormece  
com uma serpente dócil  
enroscada entre suas pernas.  
— Não é bom que estejas só,  
crepita a voz  
do fogo

E ELA  
enxerga no seu sonho  
um animal estranho,  
à sua imagem e semelhança  
(mas de raso peito,  
mas de inéditas saliências).  
Ali estava a serpente  
— a mesma, só violenta —  
furiosa prisioneira  
entre coxas tensas,  
já de armado bote  
e eficaz veneno.

— Fome!  
— Esse é o teu nome?  
— Fome.

— Eu aqui estou:  
(o tronco esbelto  
de perfumosas folhas,  
apetitosos pomos,  
galhos abertos,  
túmidas raízes  
e a flor secreta  
no ninho de suas  
pétalas).  
Ele se aproximou  
para colher da vida:

— Fome.  
(ELA se enrodilhou  
num cetinoso e  
úmido cício...)  
Ele desenrolou o convite.  
E lhe comeu as maçãs:  
as do rosto  
mais as outras

(todas). E disse Ela, a mulher,  
transpondo a porta  
que o amor abriu ao pó e à morte:

— A deus, jardim de ociosidade!  
Eu, fico com os trabalhos:  
da terra, da idéia e do parto.

- Bendita sejas tu, serpente minha irmã,  
que me deste a provar  
do lícido fruto da inocência  
e que me ensinaste o rastejo  
neste chão de sombras  
onde eu me ergo e vejo  
a luz em que eu fui ontem  
e o sol dos amanhãs.

— Vem comigo, homem, companheiro,  
criatura minha, criador de mim,  
vem comigo, homem, e traz a tua semente,  
que a ti, como eu te fiz, eu faço e refaço e

refarei  
até que os tempos se cumpram  
segundo o meu desejo e o teu.

— Adeus. Estou nua e sei.  
Saio do paraíso com o maior prazer.  
Assim disse a mulher,  
e segundo Ela disse,  
assim se fez.

Ilka Brunhilde Laurito

Extraído de  
"Genetrix",  
edição da  
própria autora,  
1982, com ilustrações de  
Roberto Pires  
e Albuquerque.